

Incoerências quanto ao que os espíritas dizem da Bíblia

“As convicções são inimigas mais perigosas da verdade do que as mentiras”. (Friedrich Nietzsche)

Lemos o artigo que leva o título de “*Incoerências quanto ao que os espíritas dizem da Bíblia*”, assinado por Pr. Joel Santana, e publicado no site CACP, correspondente ao link (<http://www.cacp.org.br/incoerencias-quanto-ao-que-os-espíritas-dizem-da-bíblia/>). Diante de nosso direito inafiançável de resposta, analisaremos o que é exposto e daremos a nossa contra argumentação. Lembramos aos leitores que respondemos a esta obra do pastor “*O Espiritismo Kardecista e suas Incoerências*” e que se encontrará em nossa conclusão o link para baixar toda ela e conhecerem nossa refutação.

CAPÍTULO II – INCOERÊNCIAS QUANTO AO QUE DIZEM DA BÍBLIA

Na abertura deste novo capítulo, o pastor tentará colocar a Bíblia como sagrada, citando algumas passagens do Antigo e Novo Testamento para corroborar em sua tese, bem como imprimir à Doutrina Espírita como contramão desta assertiva. Como anteriormente identificamos, houve interpolações, acréscimos e adulterações nas Escrituras que a colocam em dúvida sua idoneidade, principalmente por aqueles que a zelam, mas que arranjam passagens para corroborar seus dogmas. Vejamos o que o pastor diz:

Verdade ou mentira, certo ou errado, o Cristianismo tem, como também muitas outras religiões, a sua Escritura Sagrada, a saber, a Bíblia. Jesus, o fundador do Cristianismo, autenticou todo o Antigo Testamento (Mt. 4: 4-10; 24:37-39; Mc. 12:24; Lc. 24: 25-27; Jo. 5:39 etc.).

O que observamos nesta citação é o fato de haver Jesus fundado alguma nova religião, ao qual ele mesmo não deixou nenhuma recomendação de uma nova filosofia religiosa, senão somente nasceu, viveu e morreu como judeu. Outrossim, são as citações do Tanah, ou Antigo Testamento dos Judeus para corroborar esta tese de que Jesus fundou o Cristianismo, ao qual sabemos foi instituído como religião oficial, inaugurada pelo império romano, através do concílio de Niceia em 325 d.C., que o imperador Constantino, neste primeiro concílio, entabula o Cristianismo como religião

oficial do império romano, retirando assim, o berço judeu ao qual a seita cristã repousava.

Na passagem de Mt 4,4-10, retrata a parábola da tentação de Jesus, ao qual encontramos também em Mc 1,12-13 e Lc 4,1-13; Nesta passagem não há atestação de Jesus quanto ao Tanah, mas algumas referências concernentes à parábola da tentação de Jesus e concomitantemente com a passagem do povo hebreu sobre o deserto até a passagem para a terra prometida de Canaã. Já a passagem de Mt 24,37-39 que também se encontra em Lc 17,26-27.34-35 encontramos Jesus citando uma passagem do Antigo Testamento, referindo-se aos dias de Noé, onde o Messias realiza um Midrash como pano de fundo ao seu sermão profético sobre a queda de Jerusalém e diáspora dos Judeus, não havendo assim, atestação do Antigo Testamento, mas apenas uma alusão. Já em Mc 12,24 que também ocorre em Mt 22,23-33 e Lc 20,27-40 Jesus tratava com os Saduceus sobre a ressurreição dos mortos, ao qual exemplificavam que uma mulher passando por 7 irmãos em casamento não dando descendentes de quem seria esposa na ressurreição (Dt 25,5+), mas Jesus os advertia que no plano espiritual não há casamento e nem mesmo descendência. Após esta citação há a de Lc 24,25-27 que também se encontra em Mc 4,13+; Mt 8,10; Lc 18,31+ e Lc 9,22+ trata-se da citação de que os profetas previram o martírio de Jesus e sua ressurreição ao terceiro dia, o que não atesta o Tanah, mas realiza um Midrash como já o dissemos anteriormente. Por fim, temos a última citação de Jo 5,39 que novamente se enfatiza que Jesus tem sua profecia de sua vinda no Tanah e de sua missão registrada nos Evangelhos, o que não se trata de uma atestação, mas de um Midrash preconizado pela tradição judaica no trato do Messias, bem como encontramos na Bíblia de Jerusalém, ao qual vemos “*h) Jesus é o centro e o fim das Escrituras (cf. 1,45; 2,22; 5,39.46; 12,16.41; 19,28.36; 20,9)*” (Bíblia de Jerusalém, 2002, p.1855)”

O pastor destaca que o Tanah tem ainda inúmeras passagens que atestam sua sacralidade de seu conteúdo, mas esquece-se que em muitos pontos Jesus atualizou a Lei de Moisés ante os Fariseus, Escribas e Sacerdotes do Templo em sua época, conforme podemos constatar em Mt 19,1-9; Mc 10,1-12; Lc 9,51; 11,54; Mt 7,28; 12,15; 15,30; 16,1 e Jo 8,6 no trato a lei do divórcio instituída pela Lei de Moisés, ao qual Jesus dá um outro tratamento, diferente do proposto pela Lei. Este é apenas um exemplo ao qual destacamos que Jesus veio cumprir a Lei e dá-lhe desenvolvimento à diversos pontos e a lei do divórcio foi uma delas, ao qual o pastor negligenciou neste ponto. Vamos agora para a atestação do Novo Testamento. Vejamos o que diz o pastor:

E, quanto ao Novo Testamento, os apóstolos e outros hagiógrafos que o compuseram não esconderam de seus leitores que exaravam sob

inspiração Divina (1Co 14:37; 1Tm. 5:18; 2Pe 3:15-16; Ap 1:11 etc.). Mas o Kardecismo, embora também se professe cristão, afirma com todas as letras que a Bíblia não é a Palavra de Deus. Sim, o Kardecismo Nega a Bíblia. E, como prova disso, vejamos estes exemplos:

Neste ponto de suas teses, o pastor advoga, em prol da Bíblia, dando-lhe o caráter inspirado, ao qual já destacamos que Jesus no trato da Lei de Moisés reformulou diversos pontos, ao qual destacamos anteriormente a lei do divórcio como nova conceituação. Vemos agora ao pastor dar a sacralidade ao Novo Testamento, dando-lhe a inspiração divina como passaporte de idoneidade. Vamos conferir as citações do pastor. Vejamos.

Em 1Co 14,37 há a defesa de Paulo ante a inspiração profética, ao qual recomenda suas advertências, pois considerava-se inspirado a fazê-lo, como sabemos existir inspirações para o bem, como para o mal, pois o apóstolo João recomenda que não era para crer em todo o espírito, mas antes provar se o espírito provinha de Deus e deu ainda uma chave de reconhecimento destas inspirações, que era reconhecer que Jesus veio em carne (1Jo 4,1-2). Assim, seguimos toda a recomendação de Paulo, ao qual nos diz para examinar tudo e reter o bem, inclusive profecias (1Ts 5,21). Dentro dessas recomendações, prossigamos na análise da citação do pastor em 1Tm 5,18 que diz respeito ao não se amaldiçoar o boi que debulha, bem como assevera que o operário é digno de seu salário, ao qual encontramos uma referência significativa *d) Var.: “sua nutrição” (cf. Mt 10,10). À citação de Dt juntou-se uma palavra de Cristo que não conhecemos senão por Lucas (Lc 10,7) o que não supõe necessariamente o evangelho de Lucas inteiramente composto e aceito como “Escritura” (cf. 2Tm 3,15+)* (Bíblia de Jerusalém, 2020, p. 2073) Como podemos observar, Paulo não buscava no Evangelho de Lucas sua atestação, mas no livro do Deuteronômio. Prossequindo, vemos mais uma citação do pastor em 2Pe 3,15-16 que Pedro alerta aos cristãos primitivos ante o entendimento às “coisas de difícil entendimento” dita por Paulo em suas cartas, especialmente sobre a vinda de Jesus, um assunto já debatido desde àquela época, pois acreditavam os cristãos primitivos que a vinda de Jesus se daria naquele século. Por fim, o pastor cita Ap 1,11 que diz respeito às profecias a serem enviadas às sete igrejas da Ásia, acerca do tempo do fim ser para aquela época e não para um futuro distante.

Portanto, concluímos que as citações do pastor tinham um filtro desde a época apostólica, ao qual o fizemos conforme recomendavam justamente os apóstolos (1Jo 4,1-2) e discípulos de Jesus (1Ts 5,21). Passemos agora ao desenvolvimento do conteúdo deste capítulo.

2.1. O Kardecismo Nega a Bíblia

Neste subcapítulo, dará o pastor à Doutrina Espírita a insígnia de negação da Bíblia, sua regra de fé e dos cristãos, ao qual examinaremos onde se encontram essas críticas e onde repousa a verdade.

2.1.1. Kardec Nega a Bíblia

Vamos conhecer agora os pontos que sustentam a afirmativa do pastor em dizer que Kardec nega a Bíblia, a começar, pelo primeiro ponto por ele abordado:

a) Segundo afirmou Allan Kardec, os Dez Mandamentos são sim a Lei de Deus; mas os outros mandamentos contidos no Pentateuco são decretados por Moisés e rotulados de Lei de Deus apenas para conter, pelo temor, um povo turbulento e indisciplinado (**O Evangelho Segundo o Espiritismo**, supracitado, capítulo 1, nº 2). Essa declaração, que faz de Moisés um embusteiro, não pode ser de autoria de um cristão, já que Cristo e os cristãos, muito longe de pregarem isso, sempre reconheceram que Moisés escreveu sob inspiração Divina, como já vimos acima. O fato de Cristo dizer que “nem um jota ou um til se omitirá da lei sem que tudo seja cumprido” (Mt. 5:18), justifica o título de “sagradas letras” (2 Tm 3:15) que o apóstolo Paulo atribuiu ao Antigo Testamento;

Após a citação do pastor, reclamando que a lei de Moisés é integralmente inspirada por Deus e válida nos dias atuais, sem a necessidade de evolução, conforme o adiantamento da humanidade, vamos a citação da obra ***O Evangelho Segundo o Espiritismo***, e ver a assertiva de Kardec:

2. Na lei moisaica, há duas partes distintas: a Lei de Deus, promulgada no monte Sinai, e a lei civil ou disciplinar, decretada por Moisés. Uma é invariável; a outra, apropriada aos costumes e ao caráter do povo, se modifica com o tempo. (KARDEC, A. 2019d, p. 41)

Como podemos observar, os dez mandamentos são invariáveis e imutáveis, já a lei de Moisés se modifica com o passar do tempo e com a evolução dos costumes da humanidade, mas que o pastor não credita esta importante observação de Kardec, dando-o adjetivo de não cristão, citando, inclusive Jesus, em seu discurso contido em Mt 5,17-18 de que a lei deveria ser cumprida na sua integralidade. Esquece-se o pastor que Jesus cumpriu a lei de Moisés em sua época, o que não significa que atualmente precisemos observar e cumprir certas ordenanças, tal como já identificamos que Jesus ampliou o cumprimento da lei de Moisés em sua época, no trato da lei de divórcio por exemplo.

Para tanto, citaremos nossa pesquisa [A Comunicação com os Mortos na Bíblia](#), publicado em 2014, constante no capítulo **III Analisando as leis divinas e as leis mosaicas**, cujo item 4 assim diz **Exemplos de leis mosaicas que foram revogadas**. Vejamos:

Diante da assertiva que muitas das leis que foram anunciadas fora do Decálogo ainda vigoram, segundo foi aventado pelos opositores da comunicabilidade entre os dois planos que “os mandamentos referentes à punições não vigoram, pois os homens, antes de observarem o pecado cometido deveriam julgar com retidão, com amor ao próximo, mas observavam apenas uma parte da Lei e não toda ela. É assim que deve ocorrer hoje, na Nova Aliança, observar os mandamentos de Deus e, a quem não observa, deixar que Deus os julgue”. Iremos identificar algumas ordenanças de Moisés para a análise de sua mutabilidade e o porquê que elas não são praticadas em sua totalidade até os dias de hoje. Tais exemplos, como a escravidão e as leis voltadas aos “servos”, não são mais praticados, dentre outros mais que estão enunciadas abaixo e sem a sua devida prática nos dias atuais. Destarte, não há como sustentar que podemos observar apenas uma parte da Lei e não toda ela, já que se observarmos toda ela, não poderíamos de deixar de praticá-las, ou a parte que convém.

Êx 21:7 Se um homem vender sua filha para ser escrava, esta não lhe sairá como saem os escravos.

Êx 21:2 Quem ferir a outro de modo que este morra, também será morto.

Êx 21:5 Quem ferir a seu pai ou a sua mãe, será morto.

Êx 21:16 O que raptar a alguém, e o vender, ou for achado na sua mão, será morto.

Êx 21:17 Quem amaldiçoar a seu pai ou a sua mãe, será morto.

Êx 21:23-25 Mas se houver dano grave, então *darás vida por vida, olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé, queimadura por queimadura, ferimento por ferimento, golpe por golpe.*

Êx 22:2 Se um ladrão for achado arrombando uma casa, e, sendo ferido, morrer, quem o feriu não será culpado do sangue.

Êx 22:16 Se *alguém seduzir qualquer virgem, que não estava desposada, e se deitar com ela, pagará seu dote e a tomará por mulher.*

Êx 22:19 Quem tiver coito com animal, será morto.

Êx 31:14 Portanto guardareis o sábado, porque santo é para vós outros; aquele que o profanar morrerá; pois qualquer que nele fizer alguma obra será eliminado do meio do seu povo.

Êx 34:19 *Todo que abre a madre é meu, também de todo o teu gado, sendo macho, o que abre a madre de vacas e de ovelhas.*

Êx 34:20 *O jumento, porém, que abrir a madre, resgatá-lo-ás com cordeiro; mas, se o não resgatares, será desnucado Remirás todos os primogênitos de teus filhos. **Ninguém aparecerá diante de mim de mãos vazias.***

Êx 34:26 *As primícias dos primeiros frutos da tua terra trarás à casa do SENHOR teu Deus. **Não cozerás o cabrito no leite de sua própria mãe.***

Lv 11:7-8 *Também o porco, porque tem unhas fendidas, e o casco dividido, mas não rumina; este vos será imundo, **da sua carne não comereis, nem tocareis no seu cadáver;** estes vos serão imundos.*

Lv 11:21-22 *Mas de todo o inseto que voa, que anda sobre quatro pés, cujas pernas traseiras são mais compridas, para saltar com elas sobre a terra, estes comereis. Deles comereis estes: a locusta segundo a sua espécie, o gafanhoto devorador segundo a sua espécie, o grilo segundo a sua espécie, e o gafanhoto segundo a sua espécie.*

Lv 19:11 *Não furtareis, nem mentireis, nem usareis de falsidade cada um com o seu próximo;*

Lv 19:26 **Não comereis cousa alguma com o sangue;**

Lv 19:27 **Não cortareis o cabelo em redondo, nem danificareis as extremidades da barba.**

Lv 20:9 *Se um homem amaldiçoar a seu pai ou a sua mãe, será morto;*

Lv 20:10 *Se um homem adulterar com a mulher do seu próximo, será morto o adúltero e a adúltera.*

Lv 20:13 *Se também um homem se deitar com outro homem, como se fosse mulher, ambos praticaram cousa abominável; serão mortos; o seu sangue cairá sobre eles.*

Lv 20:18 *Se um homem se deitar com a mulher no tempo da enfermidade dela, e lhe descobrir a nudez, descobrindo a sua fonte, e ela descobrira a fonte do seu sangue, ambos serão eliminados do meio do seu povo.*

Lv 20:27 *O homem ou mulher que sejam necromantes, ou sejam feiticeiros, serão mortos: serão apedrejados; o seu sangue cairá sobre eles.*

Lv 21:9 *Se a filha dum sacerdote se desonra, prostituindo-se, profana a seu pai: com fogo será queimada.*

Lv 21:17-20 *Fala a Arão, dizendo: Ninguém dos teus descendentes nas suas gerações, em quem houver algum defeito,*

se chegará para oferecer o pão do seu Deus Pois nenhum homem em quem houver defeito se chegará: como homem cego, ou coxo, de rosto mutilado, ou desproporcionado, ou homem que tiver o pé quebrado, ou a mão quebrada, ou corcovado, ou anão, ou que tiver belida no olho, ou sarna, ou impigens, ou que tiver testículo quebrado.

Lv 26:7 Perseguireis os vossos inimigos, e cairão à espada diante de vós.

Dt 21:15-16 Se um homem tiver duas mulheres, uma a quem ama e outra a quem aborrece, e uma e outra lhe derem filhos, e o primogênito for da aborrecida, no dia em que fizer herdar a seus filhos aquilo que possuir, não poderá dar a primogenitura ao filho da amada, preferindo-o ao filho da aborrecida, que é o primogênito.

*Dt 21:18-21 Se alguém tiver um filho contumaz e rebelde, que não obedece à voz de seu pai e à de sua mãe, e, ainda castigado, não lhes dá ouvidos, pegarão nele seu pai e sua mãe e o levarão aos anciãos da cidade, à sua porta, e lhes dirão: **Este nosso filho é rebelde e contumaz, não dá ouvidos à nossa voz: é dissoluto e beberrão. Então todos os homens da sua cidade o apedrejarão, até que morra;** assim eliminarás o mal do meio de ti: todo o Israel ouvirá e temerá.*

Dt 22:10 Não lavarás com junta de boi e jumento.

Dt 22:23-24 Se houver moça virgem, desposada, e um homem a achar na cidade e se deitar com ela, então trareis ambos à porta daquela cidade, e os apedrejareis, até que morram; a moça, porquanto não gritou na cidade, e o homem, porque humilhou a mulher do seu próximo; assim eliminarás o mal do meio de ti.

Dt 23:1 Aquele a quem forem trilhados os testículos, ou cortado o membro viril, não entrará na assembleia do Senhor.

Dt 23:2 Nenhum bastardo entrará na assembleia do Senhor; nem ainda a sua décima geração entrará nela.

Dt 23:13 Dentre as tuas armas terás um pau; e quando te abaixares fora, cavarás com ele, e, volvendo-te, cobrirás o que defecaste.

Dt 25:5 Se irmãos morarem juntos, e um deles morrer, sem filhos, então a mulher do que morreu não se casará com outro estranho, fora da família; seu cunhado a tomará e a receberá por mulher, e exercerá para com ela a obrigação de cunhado.

Dt 25:11-12 Quando brigarem dois homens, um contra o outro, e a mulher de um chegar para livrar o marido da mão do que o fere, e ela estender a mão, e o pegar pelas suas vergonhas, cortar-lhe-ás a mão: não a olharás com piedade.

Mediante tantos exemplos, fica claro que muitas leis mosaicas já não são adotadas nos dias de hoje, já que com o progresso da humanidade, certamente tais leis já estão até sem nenhum embasamento a fim de estarem vigorando. Agora, aplicar todas como leis divinas e imutáveis, não há base para se sustentar tal tese, apenas se pegarmos o convém, como fazem os opositores da comunicabilidade entre os dois planos em querer expor uma lei que supostamente condena a Doutrina Espírita, mas que vamos retornar a este assunto mais adiante.

Ademais, parafraseando a epístola aos hebreus:

*Portanto, por um lado, se revoga a anterior ordenança, por causa de sua fraqueza e inutilidade (pois a lei nunca aperfeiçoou coisa alguma) e, por outro lado, se introduz esperança superior, pela qual nos chegamos a Deus. E, visto que não é sem prestar juramento (porque aqueles, sem juramento, são feitos sacerdotes, mas este, com juramento, por aquele que lhe disse: O Senhor jurou e não se arrependerá; Tu és sacerdote para sempre); por isso mesmo **Jesus se tem tornado fiador de superior aliança.** (Hb 7, 18-19)*

Assim como:

*Agora, com efeito, obteve **Jesus ministério tanto mais excelente, quanto é ele também mediador de superior aliança instituída com base em superiores promessas. Porque, se aquela primeira aliança tivesse sido sem defeito, de maneira alguma estaria sendo buscado lugar para segunda.** E, de fato, repreendendo-os, diz: Eis aí vêm dias, diz o Senhor, e firmarei nova aliança com a casa de Israel e com a casa de Judá. **Quando ele diz Nova, torna antiquada a primeira.** Ora, aquilo que se torna antiquado e envelhecido, está prestes a desaparecer. (Hb, 8, 6-7 e 13).*(FERRARI, T. T. 2014, p.27-31)

Fim da citação

Ao que tudo indica, após a citação de nossa pesquisa sobre a lei civil e mutável de Moisés, ficará um tanto quanto difícil nos comprovar que esta lei é inspirada e imutável como os dez mandamentos. O que julgou Kardec de não Cristão e com a citação descontextualizada de Jesus, o adjetivo recai sobre aquele que julga. Passemos, portanto, para o próximo ponto.

b) Sabemos que a Bíblia registra vários milagres operados por Jesus, inclusive ressurreições: A ressurreição da filha de Jairo (Mc. 5:21-43), a ressurreição do filho da viúva de Naim (Lc. 7: 11-17) e a ressurreição de Lázaro (Jo. 11). Mas, segundo Allan Kardec, é impossível fazer um morto reviver e que, portanto, Jesus não ressuscitou ninguém. Kardec afirma que a filha de Jairo, o filho da viúva de Naim e Lázaro, não estavam mortos, mas apenas em letargia ou síncope; e que, portanto, eles foram

curados, não ressuscitados (**A Gênese**. Federação Espírita Brasileira, 35ª edição, capítulo XV, páginas 331-334);

Após este segundo ponto, ao que tudo indica, o pastor crê no fato de que a morte existiu para os personagens da filha de Jairo, o filho da viúva de Naim e de Lázaro como sendo ocorridos de fato, o que ao estudarmos a codificação, sabemos que Kardec dá muito mais ênfase em seus escritos a moralidade de Jesus, colocando à margem os milagres de Jesus, mas que ao tratá-los, sempre coloca o Cristo como cumpridor da lei divina e se em algum momento nos parece que Jesus derogava a lei natural, ao revolver a vida destes personagens, Kardec nos traz uma explicação científica para tais fatos, ao qual entendemos, que Jesus não poderia ter ido além do que o povo de sua época, dando a Doutrina Espírita, a capacidade de nos esclarecer tais temas, como citado pelo pastor e que reproduzimos:

39. Contrário seria às leis da natureza e, portanto, milagroso, o fato de voltar à vida corpórea um indivíduo que se achasse realmente morto. Ora, não há mister se recorra a essa ordem de fatos, para ter-se a explicação das ressurreições que Jesus operou.

Se, mesmo na atualidade, as aparências enganam por vezes os profissionais, quão mais frequentes não haviam de ser os acidentes daquela natureza, num país onde nenhuma precaução se tomava contra eles e onde o sepultamento era imediato.¹⁷¹ **É, pois, de todo ponto provável que, nos dois casos acima, apenas síncope ou letargia houvesse. O próprio Jesus declara positivamente, com relação à filha de Jairo: “Esta menina,” disse Ele, “não está morta, está apenas adormecida.”**

Dado o poder fluídico que Ele possuía, nada de espantoso há em que esse fluido vivificante, acionado por uma vontade forte, haja reanimado os sentidos em torpor; que haja mesmo feito voltar ao corpo o Espírito, prestes a abandoná-lo, uma vez que o laço perispírico ainda se não rompera definitivamente. Para os homens daquela época, que consideravam morto o indivíduo desde que deixara de respirar, havia ressurreição em casos tais; mas, o que na realidade havia era *cura* e não ressurreição, na acepção legítima do termo.

40. A ressurreição de Lázaro, digam o que disserem, de nenhum modo infirma este princípio. Ele estava, dizem, havia quatro dias no sepulcro; sabe-se, porém, que há letargias que duram oito dias e até mais. Acrescentam que já cheirava mal, o que é sinal de decomposição.

Esta alegação também nada prova, dado que em certos indivíduos há decomposição parcial do corpo, mesmo antes da morte, havendo em tal caso cheiro de podridão. A morte só se verifica quando são atacados os órgãos essenciais à vida.

E quem podia saber que Lázaro já cheirava mal? Foi sua irmã Maria quem o disse. Mas como o sabia ela? Por haver já quatro dias que Lázaro fora enterrado, ela o supunha; nenhuma certeza, entretanto, podia ter. (Cap. XIV, item 29.)¹⁷²

171 Nota de Allan Kardec: Uma prova desse costume se nos depara nos Atos dos Apóstolos, 5:5 e seguintes.

“Ananias, tendo ouvido aquelas palavras, caiu e rendeu o Espírito e todos os que ouviram falar disso foram presas de grande temor. — Logo, alguns rapazes lhe vieram buscar o corpo e, tendo-o levado, o enterraram. — Passadas umas três horas, sua mulher (Safira), que nada sabia do que se dera, entrou. — E Pedro lhe disse... etc. — No mesmo instante, ela lhe caiu aos pés e rendeu o Espírito. Aqueles rapazes, voltando, a encontraram morta e, levando-a, enterraram-na junto do marido.”

172 Nota de Allan Kardec: O fato seguinte prova que a decomposição precede algumas vezes a morte.

No Convento do Bom Pastor, fundado em Toulon, pelo padre Marin, capelão dos cárceres, e destinado às decaídas que se arrependem, encontrava-se uma rapariga que suportara os mais terríveis sofrimentos com a calma e a impassibilidade de uma vítima expiatória. Em meio de suas dores parecia sorrir para uma visão celestial. Como Santa Teresa, pedia lhe fosse dado sofrer mais, embora suas carnes já se achassem em frangalhos, com a gangrena a lhe devastar todos os membros.

Por sábia providência, os médicos tinham recomendado que fizessem a inumação do corpo, logo após o trespasse. Coisa singular! Mal a doente exalou o último suspiro, cessou todo o trabalho de decomposição; desapareceram as exalações cadaverosas, de sorte que durante 36 horas pôde o corpo ficar exposto às preces e à veneração da comunidade.

(KARDEC, A. 2019a, p.294-295) (grifo nosso)

Após a citação da obra [A Gênese](#), mencionada pelo pastor, entendemos que ficaria muito mais difícil ao pastor refutar o discurso de Kardec, pois como bem destacamos, Jesus, possuídos de uma força no seu fluido perispirítico, tratou de fortalecer os laços espirituais dos personagens aparentemente mortos, trazendo-lhes à vida, aos olhos da multidão de sua época que enalteceram a Cristo acerca do milagre, ao qual a Doutrina Espírita mais judiciosamente julga serem casos de síncope, letargia ou catalepsia, pois bem sabemos que aos homens está ordenado morrerem uma só vez, tornando-se impossível ao filho da viúva de Naim, a filha de Jairo e Lázaro, uma segunda morte (Hb 9,27). Vamos, portanto, ao ponto seguinte:

c) Allan Kardec tentou provar ainda, que Jesus não transformou água em

vinho, nem tampouco multiplicou pães e peixes (**A Gênese**. Federação Espírita Brasileira: 35ª edição, capítulo XV, páginas 337-342).

Acerca deste milagre da transformação da água em vinho nas bodas de Caná e multiplicação dos pães, na citada obra **A Gênese**, vamos à fonte e examiná-los: Vejamos:

Bodas de Caná

47. Este milagre, referido unicamente no Evangelho de João, é apresentado como o primeiro que Jesus operou e, nessas condições, deverá ter sido um dos mais notados. Entretanto, bem fraca impressão parece haver produzido, pois que nenhum outro evangelista dele trata. Fato tão extraordinário era para deixar espantados, no mais alto grau, os convivas e, sobretudo, o dono da casa, os quais, todavia, parece que não o perceberam.

Considerado em si mesmo, pouca importância tem o fato, em comparação com os que, verdadeiramente, atestam as qualidades espirituais de Jesus. Admitido que as coisas hajam ocorrido, conforme foram narradas, é de notar-se seja esse, de tal gênero, o único fenômeno que se tenha produzido. Jesus era de natureza extremamente elevada, para se ater a efeitos puramente materiais, próprios apenas a aguçar a curiosidade da multidão que, então, o teria nivelado a um mágico. Ele sabia que as coisas úteis lhe conquistariam mais simpatias e lhe granjeariam mais adeptos, do que as que facilmente passariam por fruto de grande habilidade e destreza (Item 27).

Se bem que, a rigor, o fato se possa explicar, até certo ponto, por uma ação fluídica que houvesse, como o magnetismo oferece muitos exemplos, mudado as propriedades da água, dando-lhe o sabor do vinho, pouco provável é se tenha verificado semelhante hipótese, dado que, em tal caso, a água, tendo do vinho unicamente o sabor, houvera conservado a sua coloração, o que não deixaria de ser notado. **Mais racional é se reconheça aí uma daquelas parábolas tão frequentes nos ensinamentos de Jesus, como a do filho pródigo, a do festim de bodas, do mau rico, da figueira que secou e tantas outras que, todavia, se apresentam com caráter de fatos ocorridos.** Provavelmente, durante o repasto, terá Ele aludido ao vinho e à água, tirando de ambos um ensinamento. Justificam esta opinião as palavras que a respeito lhe dirige o mordomo: “Toda gente serve em primeiro lugar o vinho bom e, depois que todos o têm bebido muito, serve o menos fino; tu, porém, guardas até agora o bom vinho.”

Entre duas hipóteses, deve-se preferir a mais racional e os espíritas não são tão crédulos que por toda parte vejam manifestações, nem tão absolutos em suas opiniões, que pretendam explicar tudo por meio dos fluidos. (KARDEC, A. 2019a, p.299-300) (grifo nosso)

Neste primeiro milagre, Kardec deixa claro que não se passa apenas de uma parábola, dando ao leitor do Evangelho de João um caráter de citação não constante nos demais Evangelhos Sinóticos o devido registro de tamanha façanha o que denota termos em mente que mais vale o ensinamento de Jesus ante a esta parábola, do que o miraculoso inexplicável para trazer mais fiéis pelo extraordinário, do que pelo ensino puramente moral. Vamos, portanto, ao próximo milagre da multiplicação dos pães.

Multiplicação dos pães

48. A multiplicação dos pães é um dos milagres que mais têm intrigado os comentadores e alimentado, ao mesmo tempo, as zombarias dos incrédulos. Sem se darem ao trabalho de lhe perscrutar o sentido alegórico, para estes últimos ele não passa de um conto pueril.

Entretanto, a maioria das pessoas sérias há visto na narrativa desse fato, embora sob forma diferente da ordinária, **uma parábola, em que se compara o alimento espiritual da alma ao alimento do corpo.**

Pode-se, todavia, perceber nela mais do que uma simples figura e admitir, de certo ponto de vista, a realidade de um fato material, sem que, para isso, seja preciso se recorra ao prodígio. É sabido que uma grande preocupação de espírito, bem como a atenção fortemente presa a uma coisa fazem esquecer a fome. Ora, os que acompanhavam a Jesus eram criaturas ávidas de ouvi-lo; nada há, pois, de espantar em que, fascinadas pela sua palavra e também, talvez, pela poderosa ação magnética que Ele exercia sobre os que o cercavam, elas não tenham experimentado a necessidade material de comer.

Previendo esse resultado, Jesus nenhuma dificuldade teve para tranquilizar os discípulos, dizendo-lhes, na linguagem figurada que lhe era habitual e admitido que realmente houvessem trazido alguns pães, que estes bastariam para matar a fome à multidão. Simultaneamente, ministrava aos referidos discípulos um ensinamento, com o lhes dizer: “Dai-lhes vós mesmos de comer.” **Ensinava-lhes assim que também eles podiam alimentar por meio da palavra.**

Desse modo, a par do sentido moral alegórico, produziu-se um efeito fisiológico, natural e muito conhecido. O prodígio, no caso, está no ascendente da palavra de Jesus, poderosa bastante para cativar a atenção de uma multidão imensa, ao ponto de fazê-la esquecer-se de comer. Esse poder moral comprova a superioridade de Jesus, muito mais do que o fato puramente material da multiplicação dos pães, que tem de ser considerada como alegoria. (KARDEC, A. 2019a, p.300) (grifo nosso)

Nesta segunda citação do pastor, ele alega que Jesus nega os milagres, mas ao observarmos a codificação, Kardec dá o entendimento de se tratar de uma parábola a multiplicação dos pães, bem como bem assinalamos a parábola das bodas de Caná, dando-os o verdadeiro sentido, retirando do maravilhoso e espetacular a inexistência de

um ensino moral que não foi dado pelo pastor. Passemos, portanto, ao último ponto abordado pelo pastor a dizer que Kardec nega a Bíblia. Vejamos:

d) O prezado leitor por certo se lembra que no capítulo 1 deste livro fiz constar que Kardec criticou os escritos do apóstolo Paulo, tachando-os de “opiniões pessoais”. Ora, isso é, sim, refutar o apóstolo Paulo, bem como desdenhar a Bíblia e, em particular, o Novo Testamento, já que Paulo (o principal hagiógrafo neotestamentário) asseverou que suas epístolas eram “mandamentos do Senhor” (1Co.7:10; 14:37).

Atribuir ao legislador Moisés, em suas ordenanças, como sendo inspiradas por Deus e que ainda advogam para si o caráter de divinas e imutáveis, foi bastante ingênuo por parte do pastor, ao qual demonstramos e esperamos que ele possa refletir na evolução das leis civis e disciplinares dadas por Moisés e sua temporalidade. Que os leitores possam tirar suas conclusões e verem se é Kardec, ou o pastor que possui um posicionamento mais lógico.

Apegar-se a alegorias e levá-las ao maravilhoso, sem ao menos um único sentido moral exemplificado por Jesus nos Evangelhos é por demais ingênuo, pois Jesus dava muito mais importância ao seu ensino e exemplo de vida à multidão e muito mais ainda aos seus apóstolos, que certamente detiveram um forte impacto em suas vidas que a mudaram para sempre. Agora, recorrer aos milagres apenas como a explicação do maravilhoso, é por demais superficial, o que deixa claro que Kardec buscou na Codificação Espírita trazer o seu real sentido. Que o pastor nos apresente uma tese melhor que a de Kardec.

O pastor ainda cita Paulo como que se tudo o que ele disse fosse fora de suas opiniões pessoais, o que julgamos muito mais prudente o posicionamento de Kardec em lhe atribuir, em suas epístolas, o caráter de opinião pessoal que é balizada com a coerência e bom senso doutrinário de Kardec, ao qual estamos com ele e não abrimos mão. Ademais, as citações tratam-se somente sobre a orientação de Paulo acerca do divórcio, alegando que não é prudente se separarem marido e mulher, bem como o dom de falar em línguas, o que não observamos nenhum problema destes conselhos de Paulo, apesar de opiniões pessoais. Vamos agora ao próximo ponto abordado pelo pastor.

2.1.2. A Federação Espírita Brasileira Nega a Bíblia

Neste tópico, esperamos ver a citação da Federação Espírita Brasileira, conhecida pela sigla FEB, em alguma nota oficial, ou periódico em negar a Bíblia, o que

denota que o pastor cita a obra **O Céu e o Inferno**, mas não cita uma declaração da FEB diretamente que é contrária a Bíblia, e dessa forma nós espíritas somos taxados pelo pastor de incoerentes, mas salientamos mais uma vez que o adjetivo pejorativo recai sobre aquele que julga. O que sabemos é que somos completamente contrários aos dogmas que foram se consolidando através dos séculos, mas vamos, neste momento, nos ater ao que o pastor diz na citada obra. Vejamos:

No livro intitulado **O Céu e o Inferno**, 38ª edição, supracitado, página 122, numa nota de rodapé, o fato de Moisés registrar que Deus se arrependeu de haver criado o homem, é visto como uma monstruosidade. Senão, vejamos: “Esta doutrina monstruosa é corroborada por Moisés...”. Os exemplos acima e outros mais que eu não exibo aqui, provam cabalmente que o Kardecismo não vê a Bíblia como a pura, santa, perfeita e infalível Palavra de Deus. E, deste modo, está claro que essa instituição não é cristã, assim como eu não sou muçulmano. Mas, como Allan Kardec e seus discípulos teimam em dizer que são cristãos, aqui está, pois, uma demonstração de incoerência.

A citada frase da suposta nota da editora FEB se encontra no capítulo IX da primeira parte que trata do tema **Os demônios segundo a Igreja**, da obra já citada **O Céu e o Inferno** que vamos trazer à tona o seu teor e averiguar onde se encontra a incoerência. Vejamos:

9. Esta doutrina suscita várias objeções:

1a) Se Satã e os demônios eram anjos, eles eram perfeitos; como, sendo perfeitos, puderam falir a ponto de desconhecer a autoridade desse Deus, em cuja presença se encontravam? Ainda se tivessem logrado uma tal eminência gradualmente, depois de haver percorrido a escala da perfeição, poderíamos conceber um triste retrocesso; não, porém, do modo por que no-los apresentam, isto é, perfeitos de origem.

A conclusão é esta: Deus quis criar seres perfeitos, porquanto os favorecera com todos os dons, mas enganou-se: logo, segundo a Igreja, Deus não é infalível!⁵¹

51 Nota de Allan Kardec: Esta doutrina monstruosa é corroborada por Moisés, quando diz (Gênesis, 6:6 e 7): “Ele se arrependeu de haver criado o homem na Terra e, penetrado da mais íntima dor, disse:

— Exterminarei a Criação da face da Terra; exterminarei tudo, desde o homem aos animais, desde os que rastejam sobre a terra até os pássaros do céu, porque *me arrependo* de os ter criado.” Ora, um Deus que se arrepende do que fez não é perfeito nem infalível; portanto, não é Deus. E são estas as palavras que a Igreja proclama! Tampouco se percebe o

que poderia haver de comum entre os animais e a perversidade dos homens, para que merecessem tal extermínio.

(KARDEC, A. 2019c, p.110-111) (grifo nosso)

Fomos cirúrgicos nesta citação do pastor, sabendo que o tópico trata dos demônios, segundo a Igreja, para expor a incoerência de seus argumentos e citações desconexas da Codificação e suposta alegação de uma nota da editora FEB, o que compreendemos que se trata de uma nota de Allan Kardec, em destaque, onde foi retirada a frase pelo pastor, também em destaque. Que o adjetivo de incoerente recaia sobre aquele que julga. Entretanto, o pastor não para por aí, e conclui:

Muitos pensam que as divergências que há entre evangélicos e Kardecistas, apenas giram em torno das interpretações que cada um desses segmentos, de per si, tem da Bíblia. Pensam que ambos a reconhecemos como a Palavra de Deus, embora a vejamos de ângulos diferentes. Mas acabei de provar que as coisas não são bem assim, e que isto prova que o Kardecismo não é Cristianismo, e sim, um sistema incoerente; não merecendo, pois, nossa credibilidade.

Quanto ao arrependimento de Deus, não há nisso nenhum absurdo, já que o Eterno sempre se serviu de termos humanos para se fazer entender pelos mortais.

Parece-nos que o pastor colocou em descrédito a Doutrina Espírita, devido a negação da Bíblia, mas que ficou claro é que Kardec questionava a mesma e quando desprovia de lógica uma determinada passagem, como essa no trato com os demônios segundo a Igreja, reportando-se a uma nota de autoria também de Kardec e não da FEB, de que Deus não poderia se arrepender, pois perderia dois de seus atributos que são a perfeição e imutabilidade tornando-O um ser falível, o que fizemos questão, inclusive, de destacar a fala do pastor de que não há problema em **seu deus voltar atrás e se arrepender de ter feito o homem**. Como já bem o dissemos, que a incoerência recaia sobre àquele que julga. Passemos ao ponto seguinte.

2.2. Kardec Finge Crer na Bíblia

Neste tópico, o pastor coloca dois pontos, asseverando que Kardec finge crer na Bíblia e justifica seu fingimento, dando ao codificador características de um falsário que ilude seus adeptos para impor a sua perspectiva de vida. Vamos analisar tais pontos.

a) Fingindo crer

Vamos ver o que o pastor tem a dizer sobre uma possível hipocrisia da parte de Kardec acerca do trato com o Cristianismo. Vejamos o que ele diz:

Por que muitos pensam que os kardecistas também creem na Bíblia? A resposta é: Para que o dito fique pelo não dito, Allan Kardec às vezes fingia que também tinha grande apreço pela Bíblia; e que, portanto, se identificava conosco, comungando das mesmas crenças nossas. E, assim, propositalmente ensina aos Kardecistas a forjarem a mesma ambiguidade para, deste modo, não espantarem a presa. Senão, vejamos:

Segundo o pastor, Kardec dá a entender que em certos momentos crê na Bíblia e comunga com o Cristianismo. O que já identificamos é que Kardec quando enxerga no Cristianismo uma moralidade, ele evidencia, mas quando a Bíblia traz informações ultrapassadas e que com o tempo se transformaram em dogmas pelos concílios, é aí que Kardec questiona. Fica bem claro que o pensamento dele era de que quanto a moral cristã, não há divergências, mas no trato aos milagres e predições é que jazem inúmeras interpretações. Contudo, vamos ver as citações do pastor em lhe respaldar suas convicções:

• “O Cristianismo e o Espiritismo ensinam a mesma coisa” (**O Evangelho Segundo o Espiritismo**, supracitado, página 47);

Vamos analisar o contexto desta frase do pastor e averiguar a mensagem que encontramos logo na introdução da obra ***O Evangelho Segundo o Espiritismo***. Vejamos:

A palavra *daïmon*, da qual fizeram o termo demônio, não era, na Antiguidade, tomada à má parte, como nos tempos modernos. Não designava exclusivamente seres malfazejos, mas todos os Espíritos, em geral, dentre os quais se destacavam os Espíritos superiores, chamados *deuses*, e os menos elevados, ou demônios propriamente ditos, que comunicavam diretamente com os homens. Também o Espiritismo diz que os Espíritos povoam o Espaço; que Deus só se comunica com os homens por intermédio dos Espíritos puros, que são os incumbidos de lhes transmitir as vontades; que os Espíritos se comunicam com eles durante a vigília e durante o sono.

Ponde, em lugar da palavra *demônio*, a palavra *Espírito* e tereis a Doutrina Espírita; ponde a palavra *anjo* e tereis a doutrina cristã.

VII. A preocupação constante do filósofo (*tal como o compreendiam Sócrates e Platão*) é a de tomar o maior cuidado com a alma, menos pelo que respeita a esta vida, que não dura mais que um instante, do que tendo em vista a eternidade. Desde que a alma é imortal, não será prudente viver visando à eternidade?

O Cristianismo e o Espiritismo ensinam a mesma coisa. (KARDEC, A. 2019d, p. 35) (grifo nosso)

A conceituação na frase destacada por nós e citada pelo pastor é a de que dentro da concepção do *daimon*, palavra grega que empregava um significado polissêmico, tanto para o bem, quanto para o mal, na cultura grega, ao deslocarmos tais conceitos para a Doutrina Espírita, vertendo-o para *Espírito*, e o Cristianismo como *anjo*, teremos as duas filosofias ensinando a mesma coisa. Ficaria um pouco incoerente transmitir outro entendimento, senão o aplicado por Kardec. Se o pastor expusesse o contexto, não teria o que criticar, mas aprender, a menos que não tenha estudado a codificação e pegou uma frase isolada fora do contexto. Vamos ver agora seu próximo ponto:

• “Todos os evangelistas narram as aparições de Jesus, após sua morte, com circunstanciados pormenores que não permitem se duvide da realidade do fato” (**A Gênese**. Federação Espírita Brasileira: capítulo XV, nº 61, página 349);

No trato dos milagres relatados nos Evangelhos e trazidos uma pequena frase de Kardec, vamos novamente ao contexto para atestarmos qual o pensamento de Kardec e verificar se o pastor foi condizente em sua citação da obra **A Gênese**, no capítulo XV que trata de **Os Milagres do Evangelho**:

61. Todos os evangelistas narram as aparições de Jesus, após sua morte, com circunstanciados pormenores que não permitem se duvide da realidade do fato. Elas, aliás, se explicam perfeitamente pelas leis fluídicas e pelas propriedades do perispírito e nada de anômalo apresentam em face dos fenômenos do mesmo gênero, cuja história, antiga e contemporânea, oferece numerosos exemplos, sem lhes faltar sequer a tangibilidade. Se notarmos as circunstâncias em que se deram as suas diversas aparições, nele reconheceremos, em tais ocasiões, todos os caracteres de um ser fluídico. Aparece inopinadamente e do mesmo modo desaparece; uns o veem, outros não, sob aparências que não o tornam reconhecível nem sequer aos seus discípulos; mostra-se em recintos fechados, onde um corpo carnal não poderia penetrar; sua própria linguagem carece da vivacidade da de um ser corpóreo; fala em tom breve e sentencioso, peculiar aos Espíritos que se manifestam daquela maneira; todas as suas atitudes, numa palavra, denotam alguma coisa que não é do mundo terreno. Sua presença causa simultaneamente surpresa e medo; ao vê-lo, seus discípulos não lhe falam com a mesma liberdade de antes; sentem que já não é um homem.

Jesus, portanto, se mostrou com o seu corpo perispirítico, o que explica que só tenha sido visto pelos que Ele quis que o vissem. Se estivesse com o seu corpo carnal, todos o veriam, como quando estava vivo.

Ignorando a causa originária do fenômeno das aparições, seus discípulos não se apercebiam dessas particularidades, a que, provavelmente, não davam atenção. Desde que viam o Senhor e o tocavam, haviam de achar

que aquele era o seu corpo ressuscitado. (Cap. XIV, itens 14 e 35 a 38.) (KARDEC, A. 2019a, p.308-309) (grifo nosso)

Dentro desta narrativa encontrada na obra citada e constante ao item 61, identificamos que Jesus, após a ressurreição apresentava seu corpo fluídico e que para os apóstolos se tratava de seu corpo glorificado dentro da narrativa dos Evangelhos, o que dentro do conceito da Doutrina Espírita e o Cristianismo se trata do mesmo fenômeno, mas com nomenclaturas diferentes. Com isso, vamos ao ponto seguinte.

• “... tudo o que está predito no evangelho tem de cumprir-se ...” (**Obras Póstumas**, Federação Espírita Brasileira, 26ª edição, página 321);

Esta citação do pastor se encontra dentro da Segunda Parte de **Obras Póstumas**, mensagem sob o título de **Regeneração da Humanidade**, recebida a 25 de abril de 1866 pela mediunidade das Sras. M... e T... em estado sonambúlico, tratando-se de um resumo muito extenso, ao qual abordaremos somente a primeira parte ao qual se atribuiu o pastor. Vejamos:

Regeneração da Humanidade²³

Precipitam-se com rapidez os acontecimentos, pelo que já não vos dizemos, como outrora: “Aproximam-se os tempos”. Agora, dizemos: “Os tempos são chegados”.

Não suponhais que as nossas palavras se referem a um novo dilúvio, nem a um cataclismo, nem a um revolvimento geral. Revoluções parciais do globo se hão produzido em todas as épocas e ainda se produzem, porque decorrem da sua constituição, mas não representam os sinais dos tempos.

Entretanto, **tudo o que está predito no Evangelho tem de cumprir-se** e neste momento se cumpre, conforme o reconheceréis mais tarde. Não tomeis, porém, os sinais anunciados, senão como figuras, que precisam ser compreendidas segundo o espírito, e não segundo a letra. Todas as *escrituras* encerram grandes verdades sob o véu da alegoria e, por se terem apegado à letra, é que os comentadores se transviaram. Faltou-lhes a chave para lhes compreenderem o verdadeiro sentido. Essa chave está nas descobertas da Ciência e nas leis do Mundo Invisível, que o Espiritismo vem revelar.

Daqui em diante, com o auxílio desses novos conhecimentos, o que era obscuro se tornará claro e inteligível.

Tudo segue a ordem natural das coisas e as Leis imutáveis de Deus não serão subvertidas. Não vereis milagres, nem prodígios, nem fatos sobrenaturais, no sentido vulgarmente dado a essas palavras.

Não olheis para o céu em busca dos sinais precursores, porquanto

nenhum vereis, e os que vo-los anunciarem estarão a enganar-vos. Olhai em torno de vós, entre os homens: aí é que os descobrireis.

Não sentis que um como vento sopra sobre a Terra e agita todos os Espíritos? O mundo se acha na expectativa e como que presa de um vago pressentimento de que a tempestade se aproxima.

Não acrediteis, porém, no fim do mundo material. A Terra tem progredido, desde a sua transformação; tem ainda que progredir e não que ser Extratos, *in extenso*, do livro das *Previsões concernentes ao espiritismo* destruída. A Humanidade, entretanto, chegou a um dos períodos de sua transformação e o mundo terreno vai elevar-se na hierarquia dos mundos.

23 N.E.: Ver Nota explicativa, p. 335.

(KARDEC, A. 2019b, p.272-273) (grifo nosso)

Esta primeira parte ao qual citamos trata justamente do período de regeneração ao qual se aproxima o planeta Terra e o progresso de seus habitantes, constante nos Evangelhos, em inúmeras passagens (Mt 19,28) e que agora vem a lume. Como bem frisou o espírito, não identificado, e que o pastor pensou ser de Kardec a mensagem, por sua incoerência, mais pelo desconhecimento, do que por leviandade, nos outorgou tal espírito que muitos cristãos se prendem à letra, e a Doutrina Espírita vem dar o sentido alegórico das passagens dos Evangelhos, quanto a transitoriedade ao qual nosso orbe passa, sendo a chave interpretativa e necessária ao nosso entendimento das predições de Jesus. Após constatarmos mais uma incoerência do pastor, por negligenciar neste quesito do autor da mensagem, passemos, portanto, adiante em seu último ponto deste tópico.

• Citando Jo. 16: 7-14, onde Jesus nos promete outro Consolador, Allan Kardec disse: “Esta predição, não há contestar, é uma das mais importantes, do ponto de vista religioso, porquanto comprova, sem a possibilidade do menor equívoco, que Jesus...” (**A Gênese**, supracitado, capítulo XVII, página 386, nº 37);

Sobre este quesito do Consolador Prometido, desenvolveremos mais adiante, mas dentro desta citação da obra **A Gênese**, no capítulo XVII, intitulado **Predições do Evangelho** no trato ao tema **Anunciação do Consolador**, encontramos o item 37. Vejamos:

37. Esta predição, não há contestar, é uma das mais importantes, do ponto de vista religioso, porquanto comprova, sem a possibilidade do menor equívoco, que *Jesus não disse tudo o que tinha a dizer*, pela razão de que não o teriam compreendido nem mesmo seus apóstolos,

visto que a eles é que o Mestre se dirigia. Se lhes houvesse dado instruções secretas, os Evangelhos fariam referência a tais instruções. Ora, desde que Ele não disse tudo a seus apóstolos, os sucessores destes não terão podido saber mais do que eles, com relação ao que foi dito; ter-se-ão possivelmente enganado, quanto ao sentido das palavras do Senhor, ou dado interpretação falsa aos seus pensamentos, muitas vezes velados sob a forma parabólica.

As religiões que se fundaram no Evangelho não podem, pois, dizer-se possuidoras de toda a verdade, porquanto Ele, Jesus, reservou para si a completação ulterior de seus ensinamentos. O princípio da imutabilidade, em que elas se firmam, constitui um desmentido às próprias palavras do Cristo.

Sob o nome de *Consolador* e de *Espírito de Verdade*, Jesus anunciou a vinda daquele que *havia de ensinar todas as coisas* e de *lembrar* o que Ele dissera. Logo, não estava completo o seu ensino. E, ao demais, prevê não só que ficaria esquecido, como também que seria desvirtuado o que por Ele fora dito, visto que o Espírito de Verdade viria tudo lembrar e, de combinação com Elias, *restabelecer todas as coisas*, isto é, pô-las de acordo com o verdadeiro pensamento de seus ensinamentos. (KARDEC, A. 2019a, p. 341-342) (grifo nosso)

A parte que fiz questão de destacar é a mesma citada pelo pastor, mas a frase final suprimida por ele e que sublinhei, é muito importante, pois acerca do Consolador, Jesus o prometeu, é fato, mas sobre Jesus não ter dito tudo o que deveria dizer, nos traz o entendimento que era preciso um avanço da compreensão dos apóstolos e nosso, para compreender certas verdades, o que mais judiciosamente a Doutrina Espírita nos revela. Sabemos que ao citar esta parte ignorada pelo pastor, o colocaria numa situação desconfortável e que trouxemos a público, a fim de exarar nosso pensamento e evidenciar a negligência e incoerência do pastor. Passemos, portanto, ao próximo ponto desenvolvido pelo pastor, que dará a Kardec o título de hipócrita.

b) Justificando o fingimento

Assim abre o pastor em sua tentativa de impor a hipocrisia de Kardec como justificativa do fingimento, com a referida citação abaixo. Vejamos:

• "... Se alguém tem uma convicção bem firmada sobre uma doutrina, ainda que falsa, necessário é lhe tiremos essa convicção, mas pouco a pouco. **Por isso é que muitas vezes nos servimos de seus termos e aparentamos abundar nas suas ideias:** é para que não fique de súbito ofuscado e não deixe de se instruir conosco. "Aliás, não é de bom aviso atacar bruscamente os preconceitos...". (O Livro dos Médiuns. Federação Espírita Brasileira: 58ª edição, capítulo XXVII, número 301, página 392. Grifo meu). Espertinho, não? Até parece que os fins

realmente justificam os meios.

Esta citação está contida no capítulo XXVII da obra *O Livro dos Médiuns*, que se intitula de ***Das contradições e mistificações*** e abrindo tal assertiva, trata-se exclusivamente ***Das contradições*** na parte inicial do capítulo. Vamos ao teor do trecho pinçado pelo pastor, com arroubo de que houvera encontrado o fingimento de Kardec. Vejamos:

301. Eis as respostas que os Espíritos deram a perguntas feitas acerca das contradições:

1a Comunicando-se em dois centros diferentes, pode um Espírito dar-lhes, sobre o mesmo ponto, respostas contraditórias?

“Se nos dois centros as opiniões e as ideias diferirem, as respostas poderão chegar-lhes desfiguradas, por se acharem eles sob a influência de diferentes colunas de Espíritos. Então, não é a resposta que é contraditória, mas a maneira por que é dada.”

2a Concebe-se que uma resposta possa ser alterada, mas, quando as qualidades do médium excluem toda ideia de má influência, como se explica que Espíritos Superiores usem de linguagens diferentes e contraditórias sobre o mesmo assunto, para com pessoas perfeitamente sérias?

“Os Espíritos realmente superiores jamais se contradizem e a linguagem de que usam é sempre a mesma, *com as mesmas pessoas*. Pode, entretanto, diferir, de acordo com as pessoas e os lugares. Cumpre, porém, se atenda a que a contradição, às vezes, é apenas aparente; está mais nas palavras do que nas ideias; porquanto, quem reflita verificará que a ideia fundamental é a mesma. Acresce que o mesmo Espírito pode responder diversamente sobre a mesma questão, segundo o grau de adiantamento dos que o evocam, pois nem sempre convém que todos recebam a mesma resposta, por não estarem todos igualmente adiantados. É exatamente como se uma criança e um sábio te fizessem a mesma pergunta. Decerto, responderíeis a uma e a outro de modo que te compreendessem e ficassem satisfeitos. As respostas, nesse caso, embora diferentes, seriam fundamentalmente idênticas.”

3a Com que fim Espíritos sérios, junto de certas pessoas, parecem aceitar ideias e preconceitos que combatem junto de outras?

“Cumpre nos façamos compreensíveis. **Se alguém tem uma convicção bem firmada sobre uma doutrina, ainda que falsa, necessário é lhe tiremos essa convicção, mas pouco a pouco. Por isso é que muitas vezes nos servimos de seus termos e aparentamos abundar nas suas ideias: é para que não fique de súbito ofuscado e não deixe de se instruir conosco.**

“Aliás, não é de bom aviso atacar bruscamente os preconceitos.

Esse é o melhor meio de não se ser ouvido. Por essa razão é que os Espíritos muitas vezes falam no sentido da opinião dos que os ouvem: é para os trazer pouco a pouco à verdade. Apropriam sua linguagem às pessoas, como tu mesmo farás, se fores um orador mais ou menos hábil. Daí o não falarem a um chinês, ou a um muçulmano, como falarão a um francês, ou a um cristão. É que têm a certeza de que seriam repelidos.

“Não se deve tomar como contradição o que muitas vezes não é senão parte da elaboração da verdade. Todos os Espíritos têm a sua tarefa designada por Deus. Desempenham-na dentro das condições que julgam convenientes ao bem dos que lhes recebem as comunicações.” (KARDEC, A. 2019f, p. 335-336) (grifo nosso)

O item 301 citado pelo pastor, nos parece que ele copiou de algum lugar e não examinou o contexto, pois a parte que ele destacou não é um pensamento de Kardec, mas a resposta dos espíritos à terceira pergunta de uma série de dez perguntas, ao qual o Espírito de Verdade assina as últimas. Uma incoerência descabida, pois o contexto não está afirmando que Kardec se imiscuía de conceitos cristãos para perpassar um ensinamento da Doutrina Espírita, mas justamente se instruindo de como lidar com a ambiguidade de respostas em dois centros diferentes, sendo este provindo da Doutrina. Não se satisfazendo com esta inocência, comenta a seguir:

Lembre-se, neste livro não discuto se a Bíblia é ou não verdadeira, tampouco considero se o Cristianismo é ou não a religião certa. O que estou dizendo, é que o Kardecismo se revela incoerente quando tenta provar que é cristão. Aliás, não só incoerente, mas também hipócrita; o que se pode deduzir facilmente das transcrições supra. Sim, pois como vimos acima, Allan Kardec disse que acreditava e que não há como se duvidar do que está escrito em Jo. 16: 7-14. Veja o leitor, que confusão dos Infernos: negam a Bíblia, afirmando concomitantemente que são cristãos, o que é uma incoerência; e, como se essa babel não bastasse, citam um texto bíblico e observam que o mesmo é incontestável. Não há como dormir com um barulho desses. Afinal, a Bíblia é ou não é confiável? E, como vimos, essa barafunda tem alvo bem definido: fazer com que o dito fique pelo não dito para, deste modo, não espantar a presa. É bonito isso?

Sobre a citação de Kardec quanto a citação evangélica de Jo 16,7-14 nós esclarecemos acerca do Consolador Prometido no tópico anterior e o que demonstramos na citação da obra ***O Livro dos Médiuns*** pelo pastor, percebemos a inocência de atribuir uma fala de Kardec, enquanto provamos ser uma resposta dos espíritos. Depois é Espiritismo que é incoerente. Passemos ao ponto seguinte:

Perguntei aos kardecistas no parágrafo anterior: “A Bíblia é ou não é

confiável?” A resposta honesta é: Allan Kardec não acreditava na Bíblia, mas quando algum versículo parecia favorecê-lo, então ele lançava mão do mesmo e construía sobre essa “base” mais uma cidadela, sob a alegação de que estava respaldado pela inquestionável Palavra de Deus exarada na Bíblia. Ele tinha jogo de cintura. E é desse molejo kardequiano que o Diabo se serve para fazer suas vítimas em todo o mundo.

Como bem observamos, as citações de Kardec acerca das Escrituras eram pautadas no bom senso e quando certos ensinamentos causavam discordância com outros, utiliza-se da razão para ponderar o que era justo e eficaz, quando outras passagens careciam de moralidade e embasamento, as rejeitava, usando, inclusive, uma recomendação de Paulo de examinar tudo e reter o bem (1 Ts 5,21). Outra incoerência do pastor no trato com o Espiritismo, é atribuir tais revelações ao Diabo como que para seduzir aos incautos, o que identificamos que como pode o próprio diabo inspirar o amor ao próximo, a prática da indulgência para com as faltas alheias, o perdão das ofensas e ainda fazer tudo o que gostaríamos que nos fizessem? Estaria o pobre-diabo trabalhando contra si mesmo? Jesus, em sua época já era tachado de filho de Belzebu pelos fariseus e sacerdotes de seu tempo e asseverou que um reino dividido em si não subsiste (Mt 12,25), o que não seria diferente no trato de certos líderes religiosos acerca da Doutrina Espírita. Que os leitores tirem suas próprias conclusões e identifiquem as incoerências. Mas o pastor insiste, dizendo:

Que o fato de o Kardecismo negar a Bíblia, prova que essa seita não é cristã, até alguns kardecistas sinceros o admitem. Veja o que diz um honesto livro espírita: “Nem a Bíblia prova coisa nenhuma, nem temos a Bíblia como probante. O Espiritismo **não é** um ramo do **Cristianismo** como as demais seitas chamadas cristãs. Não assenta os seus princípios nas Escrituras. Não rodopia junto à Bíblia... Mas a nossa base é o ensino dos espíritos, daí o nome Espiritismo” (**À Margem do Espiritismo**, página 214, citado em “**Análise do Espiritismo Kardecista**” [Apostila], de autoria do Pastor Natanael Rinaldi, pesquisador do ICP – Instituto Cristão de Pesquisas, página 34. Grifo meu). A bem da verdade, o próprio Allan Kardec reconheceu que a seita por ele fundada não é cristã.

Doutro modo ele não diria que “O Cristianismo e o Espiritismo ensinam a mesma coisa” (Grifo meu). A presença da conjunção aditiva “e”, entre os vocábulos Cristianismo e Espiritismo, demonstra que ele sabia que sua “religião” não é cristã. Ele caiu na esparrela que ele mesmo confeccionou.

Este argumento de Carlos Imbassay é tão utilizado no trato do Espiritismo com a Bíblia que se repete *ad infinitum* nos textos que temos respondido usualmente, ao qual vamos reproduzir um pensamento que temos a respeito desta citação do pastor.

Vejamos no artigo: [Onde se encontram as falácias nas propagandas anti-espíritas](#), de minha própria autoria, na página 6. Vejamos:

[...] como se a opinião dele fosse das dos demais espíritas, que por sinal são livres em seu pensamento e ideias, mas este mesmo autor afirma que a Doutrina Espírita se baseia nos ensinamentos dos espíritos, o que em parte é a verdade. Os ensinamentos dos espíritos nos esclarecem muitos dos fenômenos contidos nas Escrituras, o que universaliza o real entendimento, retirando todo o dogma que no cristianismo foi inserido ao longo dos séculos. (FERRARI, T. T. 2013, p. 6)

Outro ponto abordado pelo pastor é como se o Cristianismo e Espiritismo são discordantes em seus ensinamentos e Kardec não considerava o Espiritismo como uma ramificação do Cristianismo, o que concordamos, pois, a Doutrina Espírita não coaduna com os dogmas que foram construídos ao longo dos séculos e disseminaram mais a incredulidade e o materialismo, facultando ao Espiritismo reerguer o edifício da moral cristã, perdida no tempo. É justamente neste conceito moral que o Cristianismo e o Espiritismo convergem e justamente empreende todo o trabalho da codificação espírita, dar aos seus adeptos e simpatizantes um roteiro moral de como proceder na sociedade, dar ainda o entendimento das leis divinas e nosso papel ante o entendimento e prática delas, outorgando-nos a compreensão da vida futura, imprimindo em nosso espírito as recompensas e gozos futuros, explicitando-nos a lei de causa e efeito, inerentes à nossa prática diária.

Bem, penso que deixei claro que Kardec dizia com um canto da boca que acreditava na Bíblia, e com o outro canto da mesma boca dizia que não a reconhecia como confiável, e que isso prova que ele era hipócrita e incoerente. Realmente, já que acerca da Bíblia, Kardec “jogava” nos dois clubes (isto é, ele se dizia crente na Bíblia, como também afirmava que nela ele não cria), das duas uma: Ou ele não cria na Bíblia, mas às vezes fingia crer; ou ele cria na Bíblia, mas às vezes fingia não crer. E, agir assim é, indiscutivelmente, ser hipócrita e incoerente.

Encerrando este capítulo, o pastor conclui que Kardec era hipócrita e incoerente no trato com a Bíblia, o que demonstramos à sociedade, o real valor moral que Kardec aplicava às suas interpretações acerca das Escrituras, coordenando as mensagens dos espíritos no encadeamento de ideias condizentes com o bom senso e recomendação que o próprio apóstolo Paulo diz que devemos **“examinar tudo e reter o bem”**. (1 Ts 5,21). Que o julgamento do pastor recaia sobre aqueles que se julgam paladinos da verdade, ao qual atribuímos somente ao Criador a verdade absoluta, pois apenas conhecemos em parte o que o Pai detém no todo. Nós exprimimos a verdade dos fatos

e colocamos as incoerências do pastor em evidência, atribuindo o julgamento aos leitores de nossa defesa.

2.3. Terceira Revelação?!

Neste item, o pastor vai tentar demonstrar que não há terceira revelação culminada no ensino dos Espíritos e codificada por Allan Kardec. O pastor ainda vai desqualificar os Testemunhas e Jeová, os Adventistas, os Católicos, os Maçons e os Ateus que ele defendeu logo acima e que refutamos, ao que não entraremos nesta seara, pois o pastor não foca na passagem que Jesus promete outro Consolador e a impossibilidade de os apóstolos receberem o aprofundamento de um ensino que eles não estavam preparados. No entanto, justifica-se o pastor que estas correntes religiosas são atrasadas e que somente o protestantismo professado pelo Pastor é a única vertente que exprime a verdade. Portanto, suprimiremos as críticas que o pastor faz a estas agremiações e focar nos argumentos que tenta desqualificar a Doutrina Espírita. Inicia assim o pastor:

É oportuno registrar que Allan Kardec alegou que o Antigo Testamento é a primeira revelação; o Novo Testamento, a segunda; e o Espiritismo codificado por ele, a terceira. Esta teria sido prevista por Jesus em João 16:12-13, bem como pelo autor dos Atos dos Apóstolos. Veja a prova: “Jesus promete outro consolador: o Espírito de Verdade, que o mundo ainda não conhece, **por não estar maduro para o compreender**, consolador que o Pai enviará para ensinar todas as coisas e para relembrar o que o Cristo há dito. Se, portanto, o Espírito de Verdade tinha de vir mais tarde ensinar todas as coisas, é que o Cristo não dissera tudo; se ele vem relembrar o que o Cristo disse, é que o que este disse foi esquecido ou mal compreendido... O Espiritismo vem, na época predita, cumprir a promessa do Cristo.

A **primeira revelação** teve a sua personificação em Moisés, **a segunda** no Cristo, **a terceira** não a tem em indivíduo algum. As duas primeiras foram individuais, a terceira coletiva; aí está um caráter essencial de grande importância. Ela é coletiva no sentido de não ser feita ou dada como privilégio a pessoa alguma; ninguém, por consequência, pode inculcar-se como seu profeta exclusivo; foi espalhada simultaneamente, por sobre a Terra, a milhões de pessoas, de todas as idades e condições, desde a mais baixa até a mais alta da escala, conforme esta predição registrada pelo autor dos Atos dos Apóstolos: ‘Nos últimos tempos, disse o Senhor, derramarei o meu espírito sobre toda a carne; os vossos filhos e filhas profetizarão, os mancebos terão visões, e os velhos, sonhos’. (Atos, cap. II, vv. 17, 18.)” (**O Evangelho Segundo o Espiritismo**, Federação Espírita Brasileira: capítulo VI, nº 4, página 128. Grifo meu).

Por oportuno julgamos citar todo o trecho do item 4 do capítulo VI da obra [O](#)

Evangelho Segundo o Espiritismo, citada em parte pelo pastor. Vejamos a citação do item 4 por completo:

Consolador Prometido

3. Se me amais, guardai os meus mandamentos; e Eu rogarei a meu Pai e Ele vos enviará outro Consolador, a fim de que fique eternamente convosco: *O Espírito de Verdade*, que o mundo não pode receber, porque o não vê e absolutamente o não conhece. Mas quanto a vós, conhecê-lo-eis, porque ficará convosco e estará em vós. Porém, o Consolador, que é o Santo Espírito, que meu Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará recordar tudo o que vos tenho dito. (João, 14:15 a 17 e 26.)

4. Jesus promete outro consolador: o *Espírito de Verdade*, que o mundo ainda não conhece, por não estar maduro para o compreender, consolador que o Pai enviará para ensinar todas as coisas e para lembrar o que o Cristo há dito. Se, portanto, o Espírito de Verdade tinha de vir mais tarde ensinar todas as coisas, é que o Cristo não dissera tudo; se ele vem lembrar o que o Cristo disse, é que o que este disse foi esquecido ou mal compreendido.

O Espiritismo vem, na época predita, cumprir a promessa do Cristo: preside ao seu advento o Espírito de Verdade. Ele chama os homens à observância da lei; ensina todas as coisas fazendo compreender o que Jesus só disse por parábolas. Advertiu o Cristo: “Ouçam os que têm ouvidos para ouvir.” O Espiritismo vem abrir os olhos e os ouvidos, porquanto fala sem figuras, nem alegorias; levanta o véu intencionalmente lançado sobre certos mistérios. Vem, finalmente, trazer a consolação suprema aos deserdados da Terra e a todos os que sofrem, atribuindo causa justa e fim útil a todas as dores.

Disse o Cristo: “Bem-aventurados os aflitos, pois que serão consolados.” Mas como há de alguém sentir-se ditoso por sofrer, se não sabe por que sofre? O Espiritismo mostra a causa dos sofrimentos nas existências anteriores e na destinação da Terra, onde o homem expia o seu passado. Mostra o objetivo dos sofrimentos, apontando-os como crises salutares que produzem a cura e como meio de depuração que garante a felicidade nas existências futuras. O homem compreende que mereceu sofrer e acha justo o sofrimento. Sabe que este lhe auxilia o adiantamento e o aceita sem murmurar, como o obreiro aceita o trabalho que lhe assegurará o salário. O Espiritismo lhe dá fé inabalável no futuro e a dúvida pungente não mais se lhe apossa da alma. Dando-lhe a ver do alto as coisas, a importância das vicissitudes terrenas some-se no vasto e esplêndido horizonte que ele o faz descortinar, e a perspectiva da felicidade que o espera lhe dá a paciência, a resignação e a coragem de ir até o termo do caminho.

Assim, o Espiritismo realiza o que Jesus disse do Consolador Prometido: conhecimento das coisas, fazendo que o homem saiba donde vem, para

onde vai e por que está na Terra; atrai para os verdadeiros princípios da Lei de Deus e consola pela fé e pela esperança. (KARDEC, A. 2019d, p. 105-107) (grifo nosso)

A parte que destacamos foi a citada pelo pastor no seu primeiro parágrafo e a citação completa deste artigo de Kardec deixaria o pastor numa situação desconfortável, ao qual preferiu apenas a citação de uma pequena parte. Mas o leitor deve estar se perguntando, e o segundo parágrafo? Onde está ele destacado? Claro que não está neste item 4 da obra ***O Evangelho Segundo o Espiritismo***, mas no item 45 do capítulo I da obra ***A Gênese***, intitulado de *Caráter da revelação espírita*, ao qual também encontramos na obra ***Revista Espírita 1867*** no mês de setembro. Vamos, portanto, citar a fonte paralela para os leitores acompanharem nossa linha de raciocínio.

45. A primeira revelação teve a sua personificação em Moisés, a segunda no Cristo, a terceira não a tem em indivíduo algum. As duas primeiras foram individuais, a terceira foi coletiva; aí está um caráter essencial de grande importância. Ela é coletiva no sentido de não ser feita ou dada como privilégio a pessoa alguma; ninguém, por consequência, pode inculcar-se como seu profeta exclusivo; foi espalhada simultaneamente, por sobre a Terra, a milhões de pessoas, de todas as idades e condições, desde a mais baixa até a mais alta da escala, conforme esta predição registrada pelo autor dos *Atos dos Apóstolos*: “*Nos últimos tempos, disse o Senhor, derramarei o meu espírito sobre toda a carne; os vossos filhos e filhas profetizarão, os mancebos terão visões, e os velhos, sonhos.*” (*Atos, 2:17 e 18.*) Ela não proveio de nenhum culto especial, a fim de servir um dia a todos de ponto de ligação.⁸

8 Nota de Allan Kardec: O nosso papel pessoal, no grande movimento de ideias que se prepara pelo Espiritismo e que começa a operar-se, é o de um observador atento, que estuda os fatos para lhes descobrir a causa e tirar-lhes as consequências. Confrontamos todos os que nos têm sido possível reunir, comparamos e comentamos as instruções dadas pelos Espíritos em todos os pontos do globo e depois coordenamos metodicamente o conjunto; em suma, estudamos e demos ao público o fruto das nossas indagações, sem atribuímos aos nossos trabalhos valor maior do que o de uma obra filosófica deduzida da observação e da experiência, sem nunca nos considerarmos chefe da doutrina, nem procurarmos impor as nossas ideias a quem quer que seja. Publicando-as, usamos de um direito comum e aqueles que as aceitaram o fizeram livremente. Se essas ideias acharam numerosas simpatias, é porque tiveram a vantagem de corresponder às aspirações de avultado número de criaturas, mas disso não colhemos vaidade alguma, dado que a sua origem não nos pertence. O nosso maior mérito é a perseverança e a dedicação à causa que abraçamos. Em tudo isso, fizemos o que outro

qualquer poderia ter feito como nós, razão pela qual nunca tivemos a pretensão de nos julgarmos profeta ou messias, nem, ainda menos, de nos apresentarmos como tal.

(KARDEC, A. 2019a, p. 45)

Está destacado caro leitor a parte da obra **A Gênese**, ao qual a citamos a parte mencionada pelo pastor e devido ao seu despreparo, identificou ambos seus parágrafos como sendo todos os dois como o item 4 da obra **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. Certamente ele deve ter copiado isso de algum lugar que não foi a Codificação que ele julgou ter lido toda ela, como veremos mais abaixo, mas deu a impressão aos seus leitores de uma citação desconexa, sem sentido como sendo de uma obra, enquanto se trata de duas obras distintas do pentateuco de Kardec, ao qual recomendamos aos leitores a leitura paralela do capítulo VI da obra **O Evangelho Segundo o Espiritismo** e o capítulo I da obra **A Gênese** que consta também na obra **Revista Espírita 1867**, mês de setembro. Vamos agora analisar os argumentos do pastor após esta gafe:

O Kardecismo passa a ideia de que, conforme a humanidade se evolui moral e intelectualmente, vai, por conseguinte, se habilitando a maiores revelações da parte de Deus. Logo, a segunda revelação é mais panorâmica do que a primeira, assim como a terceira é mais ampla e perfeita do que a segunda. Porém, quando examinamos os escritos de Kardec, não encontramos nenhuma revelação nova, considerando que mediunidade, reencarnação, autojustificação, carma, incoerências e outros engodos, são mais velhos do que andar para a frente.

Demonstrei acima que Kardec ensinou à “base” de Jo. 16:12-13, que nos dias de Cristo a Humanidade ainda não estava preparada para receber as revelações que constituem o Kardecismo... **“por não estar maduro para o compreender”**, dizia ele, conforme transcrição supra. Porém, esse parecer não resiste a um confronto com os fatos, visto que, segundo a História, os pagãos (os gregos, os romanos, os indianos, etc.) sempre creram nessas estórias de reencarnação, carma, mediunidade, etc. Ora, como cremos que as pessoas de então ainda não estavam preparadas para receber uma doutrina na qual já acreditavam desde há muito? Os apóstolos certamente não teriam sofrido tantas adversidades, caso tivessem pregado ao mundo a “nova” revelação Kardequiana. Logo, ainda estou para saber o que o Kardecismo trouxe de novo, já que as “revelações” kardequianas são anteriores à Lei Mosaica, a qual o Kardecismo diz ser a primeira revelação. Ademais, veremos no capítulo 10 que Kardec alegou que Cristo era reencarnacionista e que pregou essa doutrina. E, quando o leitor examinar o capítulo XI, tópico f, verá que os kardecistas se valem de Mt. 17.3 (onde consta que Jesus se comunicou com o espírito de Moisés), em defesa da “mediunidade” por eles praticada, difundida e defendida. Afinal, a reencarnação e a necromancia foram ou não foram praticadas e sancionadas por Cristo?

Se sim, onde está a novidade na “terceira revelação?” E se não, por que dizem então que Cristo ratificou tanto a reencarnação quanto a necromancia? Jesus disse que o nosso falar deve ser “Sim, sim; e não, não, porque o que passa disso é de procedência maligna” (Mt.5:37).

O pastor tenta nos demonstrar que os apóstolos estavam prontos para receber o ensinamento que a Doutrina Espírita deu a partir de 1.857, denotando que o conhecimento prévio da reencarnação, mediunidade e comunicação entre o plano físico e espiritual era bem difundido no período intertestamentário. Contudo, convidamos aos leitores a realizarem a reflexão no tema **reencarnação** à época do Cristo. Vejamos a passagem de Mt 16, 13-17 e Mc 8, 27-33 que são semelhantes e que não a citaremos, devido ao fato de que iremos desenvolvê-la mais à frente no tópico apropriado. Com isso, para os apóstolos, Jesus poderia ser algum dos profetas ressuscitado, bem como o próprio João Batista ressuscitado. Salientamos a sua atenção a este último personagem, o próprio João Batista que era contemporâneo de Jesus e houvera sido decapitado a mando de Herodes. Ou seja, para os hebreus e em especial aos apóstolos, Jesus poderia ser João Batista ressuscitado, o que demonstra que a reencarnação não era assim tão compreendida no tempo de Jesus como alega o pastor em suas afirmações. Concluindo, era preciso que viesse o esclarecimento da Doutrina Espírita para melhor entendimento da reencarnação, sua evolução na compreensão através dos séculos posteriores a Cristo e o ajuste de que não coaduna com a metempsicose.

Partiremos agora ao outro ponto que convidamos os nossos leitores a refletir, sobre o tema **comunicação entre o plano físico e o espiritual** abordado pelo pastor como necromancia e que já o esclarecemos anteriormente a diferença entre necromancia e comunicações espirituais de cunho sério, tal como a comunicação entre Jesus, Elias e Moisés, a saber o relato contido nos Evangelhos sobre a transfiguração de Jesus, contida em Mc 9, 2-13; Mt 17,1-13 e Lc 9, 21-36. Pois bem, ali encontramos uma teofania, com os fenômenos de transfiguração, pneumatofonia e materializações, ao qual não encontramos seu desenvolvimento no Novo Testamento e nem mesmo registro no Tanah, cabendo a Doutrina Espírita esclarecê-los a contento em suas obras da Codificação e complementares.

Ficaremos somente nestes dois aspectos da Doutrina que o pastor será convidado a refletir o caráter e a importância do surgimento do Espiritismo, bem como os seus leitores. Vamos agora a seus argumentos sobre o tema:

Pergunto novamente: O que o Kardecismo acrescenta ao Cristianismo, já que Cristo teria sido reencarnacionista e necromante? Sim, senhor Kardec, onde está a novidade, ou seja, a suposta terceira revelação?

Entenda quem puder, ou melhor, engula quem for ingênuo.

Bom, temos que corrigir o pastor, pois Jesus realmente foi reencarnacionista à sua época, mas não necromante pelos esclarecimentos que já prestamos e acreditamos que os leitores atentos saberão diferenciar o conhecimento ainda inacabado acerca de fenômenos relacionados à reencarnação, mediunidade e comunicação entre os planos físicos e espirituais no tempo de Jesus, dando à Doutrina Espírita o devido esclarecimento destes conceitos a partir de 1.857. Não precisam *engolir*, apenas estudar e verificar os fatos sem preconceitos. Contudo, continua o pastor:

A Bíblia, que começou a ser escrita a 3.500 anos atrás, e foi concluída há quase 2.000 anos, contém mistérios tão profundos, que nenhum homem é capaz de entender só com ajuda do intelecto.

Precisamos do Espírito Santo para podermos estudá-la com aproveitamento. E, sendo os escritos de Allan Kardec, uma revelação tão profunda que o homem só se habilitou a receber a partir da segunda metade do século XIX, era de se supor então, que o Kardecismo contenha algo muito mais enigmático que os existentes na Bíblia. Contudo, li todos os livros de Allan Kardec e consegui entender tudo quanto está escrito lá. Ler Kardec é ler discrepâncias facilmente assimiláveis. Ouso afirmar que entre as coisas impossíveis, uma é **entender** a Bíblia (em sua totalidade), e a outra é **não entender** Kardec. Quem lê Kardec raciocinando com a sua própria cabeça, percebe que no Kardecismo não há nada que os inteligentíssimos homens de 2.000 anos atrás não pudessem entender.

Com este comentário do pastor, evidenciamos acima a dificuldade dos hebreus, na questão em foco, os apóstolos, em entenderem fenômenos que escaparam ao vulgo da época, a saber a **reencarnação** que não compreendiam o processo de retorno do espírito à vida corpórea, julgando, inclusive que João Batista poderia ser Jesus ressuscitado que na verdade era reencarnado. Para tanto, basta examinar o contexto do diálogo entre Jesus e Nicodemos, contido em Jo 3, 1-16, onde percebemos a dificuldade de um sacerdote que detinha o conhecimento de sua época, em entender os mecanismos da reencarnação. Acreditar que os hebreus da época de Jesus a compreendiam é um tanto infantil. Os textos bíblicos defendidos pelo pastor que necessitam de inspiração do espírito santo para lhe compreenderem não é suficiente, pois a compreensão divergente dos textos das Escrituras, demonstram que não há unidade de interpretação, destronando assim o argumento do pastor. Se a Doutrina Espírita é tão fácil de se compreender, parece-nos que o pastor nada dela entendeu e neste tópico misturou duas obras da codificação em uma única citação equivocada,

asseverando que ele deve ter copiado este erro de alguém e não estudou as 24 obras de Kardec como deveria. Passemos adiante na argumentação do pastor:

Certo kardecista me disse que o Kardecismo levanta o véu, isto é, aclara ou explica os pontos obscuros da Bíblia, simplificando as coisas. Mas essa pronúncia é contraditória, visto que se essa doutrina é menos complexa que a Bíblia, por que só pôde ser dada à Humanidade XVIII séculos após Deus nos dar a Bíblia, visto que só então o homem se habilitou a tanto, como o quer o Kardecismo?

As revelações Divinas constantes da Bíblia são, sim, progressivas, mas essa progressividade deve-se a um programa Divino, indiferente ao progresso intelectual e moral da Humanidade. Até porque isso não existe.

Realmente o pastor deveria compreender que, pelo menos, na obra **O Evangelho Segundo o Espiritismo** Kardec aborda cerca de 78% de seu conteúdo de cunho moral consonante ao evento do Sermão da Montanha de Jesus, declarando que o objetivo da Doutrina Espírita é o melhoramento da humanidade e não revelar mistérios e impedir a pesquisa. Os espíritos trazem um conteúdo moral irretocável que já deixou sua marca já na primeira obra **O Livro dos Espíritos** e que parece o pastor não a estudou também. Mas continua o pastor e suas incoerências, pois disse que não há progresso moral e intelectual da humanidade e que as revelações divinas na Bíblia são progressivas num sistema fechado que não permite adaptá-la ao avanço moral da humanidade, onde já demonstramos que as leis civis de Moisés estão boa parte delas em desuso e este argumento do pastor de que a Bíblia é progressista, não fecha o raciocínio com os fatos. Contudo, desfecha o pastor:

Essa tal de terceira revelação não tem razão de ser. O que o kardecismo prega hoje, sempre pôde ser pregado e, de fato, sempre houve quem o pregasse. Ainda há cegos espirituais que nada vêem, tal qual antigamente; bem como ainda há, também, os verdadeiros servos de Deus. As grandes realizações (boas e más) da Antiguidade provam que a Humanidade não evoluiu em nada. O homem está mais sábio, não mais inteligente, nem tampouco mais espiritual. Quanto a estas questões (inteligência e evolução espiritual) está tudo estável. Senão, veja estes exemplos:

Essa argumentação do pastor prova que ele não estudou a Codificação de Kardec e nem mesmo todas as suas obras, pois Kardec deixa claro que houve sim o progresso do intelecto, necessário ao amadurecimento para surgimento do Espiritismo, mas não o moral suficiente que inclusive é o objetivo da Doutrina Espírita, o melhoramento moral da humanidade. Para o pastor, o homem está mais sábio, mas não

inteligente, o que nós provamos a dificuldade dos hebreus em entenderem o processo das vidas sucessivas na época de Jesus e o entendimento deste processo na época de Kardec. Partindo deste axioma, o pastor vai citar críticas aos Muçulmanos, acerca do Islamismo, ao passo que Kardec dedica dois artigos na **Revista Espírita 1866** enaltecendo a missão de Maomé e parece-nos que o pastor até desconhecia, pois não a cita e pelo visto nem ouviu falar dos 12 volumes da *Revista Espírita* de 1858 a 1869.

Com isso, prossegue o pastor em criticar os Hinduístas, os cultos afro-brasileiros, os Católicos, o Budismo, os Testemunhas de Jeová, os Adventistas do 7º dia, a Maçonaria com longos exemplos que não veem ao caso citá-los, os Mórmons e por fim os Ateus que o mesmo pastor de forma incoerente, mais acima em seu livro, defendeu quando houve a crítica de Kardec no trato do materialismo e aos Católicos pela perseguição à Doutrina, o que nos demonstra que tamanha incoerência do pastor em defender tais agremiações e depois criticá-las. Depois é o Espiritismo incoerente. Nosso objetivo não é de citar outras filosofias, mas responder às críticas quanto ao trato com o Espiritismo.

* * *

Nesta etapa, ainda segundo o Consolador Prometido, o pastor entra em suas conclusões, asseverando que Kardec abordou as leis civis, já ultrapassadas, de Moisés, onde prefiguram um progresso como revelações contidas no Tanah, defendido pelo pastor. Demonstramos que houve leis civis de Moisés que já entraram em desuso e que o pastor insiste em afirmar que são contemporâneas e progressivas. Assim prossegue o pastor:

O leitor certamente se lembra que eu já disse e provei acima que o Kardecismo confessa que não reconhece a Bíblia como sendo a Palavra de Deus. Vimos que, segundo Kardec e a Federação Espírita Brasileira, Moisés pregava monstruosidades, não sendo, pois, nada mais que o embusteiro que os judeus mereciam. Mas agora estamos vendo que essa seita, incoerentemente finge reconhecer toda a Bíblia, assegurando que o Antigo e o Novo Testamentos constituem duas revelações distintas e progressivas, vindas de Deus. Disso nasce a seguinte pergunta: Afinal de contas, o Antigo Testamento é a primeira revelação que Deus nos deu, ou é um monstruoso embuste da autoria de um impostor chamado Moisés? Ora, embustes e monstruosidades jamais vêm de Deus, não é mesmo? Tampouco um impostor pode ser visto como Emissário de alguma Revelação Divina, não é mesmo?

Em nenhum momento foi demonstrado na codificação que Kardec nominou Moisés como *embusteiro*. Este adjetivo pejorativo é emprestado pelo pastor e nem mesmo a Federação Espírita Brasileira o fez. O que ficou claro e o que apresentamos, é que há uma diferença entre os Dez Mandamentos do Sinai que são leis eternas e promulgadas diretamente por Deus, diferentemente das ordenanças de Moises que são transitórias e adaptadas a uma época. Este é o conceito que asseveramos e exemplificamos acima. Se uma lei divina existe a determinação de *Não matará* e logo em seguida, existe a pena de morte para alguns delitos, certamente não seria Deus que num dado momento outorga uma lei e em seguida a derroga. Esta é a diferença entre uma lei divina e outra lei disciplinar, e ao que parece, o pastor não entendeu nem mesmo o Tanah e muito menos a Codificação Espírita. Mesmo assim, prossegue o pastor:

Segundo me consta, nenhum teólogo evangélico negaria a progressividade das revelações de Deus nas páginas das Escrituras, pois a Bíblia no-lo demonstra categoricamente. Mas convenhamos que os embustes e as monstruosidades não podem ser reconhecidos como “progressivas revelações do Senhor”. As revelações do Senhor são, sim, progressivas, porém de modo algum são monstruosos embustes. Mas, como os kardecistas conseguem enxergar monstruosidades, embustes e contradições no Antigo Testamento, custa-me entender (se bem que eu estou entendendo tudo) como ousam rotular isso de “primeira revelação de Deus”. Afinal, o Antigo Testamento é a primeira revelação de Deus, ou é o primeiro embuste? Decidam os kardecistas como quiserem, mas saiam de sobre o muro. Posicionem-se.

Neste segundo momento o pastor até reconhece que há uma progressão das revelações divinas trazidas de Moisés, passando pelos profetas e Jesus, ao qual Kardec culmina no Consolador Prometido e o que ele demonstrou é justamente isso. Essas três revelações têm em comum a revelação divina e as determinações das leis disciplinares de Moisés que boa parte delas entrou em desuso, ou até mesmo foram reformuladas por Jesus e que já demonstramos anteriormente alguns exemplos já ultrapassados da lei mosaica. O problema reside no adjetivo de *monstruosos embustes* que Kardec não disse, mas que o pastor classificou de forma pejorativa. Creio que todo o espírita estudioso reconheça isso e sabe que Kardec não classificou Moisés como um *monstruoso embusteiro* e nem mesmo a revelação da Torá deu essa insígnia. Creio que já nos posicionamos acerca deste fato. Contudo, continua o pastor:

Interpretando bem, podemos dizer que de acordo com os Kardecistas, não só o que eles chamam de primeira revelação de Deus (isto é, o Antigo Testamento), é um embuste, mas também o que eles chamam de segunda revelação (isto é, o Novo Testamento). Sim, leitor, pois se de

fato Cristo não tivesse transformado água em vinho, multiplicado pães e ressuscitado defuntos, seguir-se-ia que as falcatruas do Novo Testamento não seriam inferiores às do Antigo. Mas é justamente aí, a saber, no Novo Testamento, e, em particular, em Jo.16:12-13, que Kardec, incoerentemente se “fundamentou” para construir sua cidadela, a qual estou reduzindo a frangalhos, ao exibir as denúncias aqui contidas, seguidas de minhas refutações. Afinal, o Novo Testamento é a segunda revelação de Deus, ou é o segundo embuste? Decidam lá os kardecistas como quiserem, mas deixem de ambiguidade.

Agora o pastor traça um paralelo do Tanah com o Novo Testamento, ao qual critica como se nós espíritas rotulássemos de *embuste*, ao qual o pastor está sem as devidas referências de que Kardec trata o Novo Testamento também de *embuste*. Creio que se trata apenas de mais uma tentativa de desqualificar o codificador e de meras cavilações. Outrossim, o pastor identifica os milagres de Jesus como justificativa de que se não houvessem estes fatos, Kardec trataria o Novo Testamento de um *embuste* maior do que o Tanah. Dessa forma, por desconhecer a codificação que o pastor se esqueceu que para todo o milagre realizado por Jesus, Kardec trouxe uma explanação científica na obra **A Gênese** que disse o pastor conhecê-la, mas que não entraremos no mérito deste tema, devido o assunto ser outro completamente outro. No trato da vinda do Consolador, ficou claro que Jesus não disse tudo, pois os apóstolos a seu tempo não estavam preparados para receber o conhecimento que a Doutrina Espírita trouxe a partir de 1.857. O pastor ainda cita que *reduziu a frangalhos* com suas “refutações” ao qual não identificamos essa qualidade nas citações do pastor, de forma equivocada, e já demonstrada, sabendo nós que ele copiou de algum lugar e esta cópia está devidamente errada citando uma obra, quando vemos que são duas distintas. Essa é a *ambiguidade* que identificamos e que ao examinarmos, não somos nós que somos equivocados. Contudo, continua o pastor:

Bem, os kardecistas ainda não provaram que a Bíblia seja realmente o embuste que eles julgam ser, mas que o Kardecismo é um sistema incoerente, até cego pode ver, pois exibi acima provas irrefutáveis desta verdade.

Neste ponto da argumentação do pastor, há uma tentativa de insinuar que dissemos que a Bíblia é um *embuste* e a nosso ver, não houve nenhuma menção de Kardec a esse respeito e ao que nos parece é apenas a intenção do pastor em prefigurar esta classificação com intuito de desqualificar a Doutrina Espírita e o codificador. Outrossim, houve da parte do pastor a tentativa de estabelecer ao Espiritismo uma incoerência que ele não demonstrou e ainda julga possuidor de tal atributo, ao qual

ainda estamos esperando tal assertiva, já que ele disse ter apresentado *provas irrefutáveis* e nós identificamos neste tópico uma citação de duas obras como sendo apenas uma que ele realizou na abertura e que o estimado pastor copiou de algum lugar que está equivocado. Parece-nos que quem tem *provas irrefutáveis* não é ele. Com isso, prossegue o pastor:

Apesar da babel kardequiana supra-exibida, o Kardecismo não só comete a incoerência de se considerar cristão, mas julga digna de nota uma certa mensagem mediúnica, segundo a qual, o kardecismo não é uma instituição cristã igual às demais, nem tampouco a mais certa, e sim, a única verdadeira. Eis a prova: "... Aproxima-se a hora em que, à face do céu e da Terra, terás de proclamar que o Espiritismo é a única tradição verdadeiramente cristã e a única instituição verdadeiramente divina..." (**Obras Póstumas**, Federação Espírita Brasileira, 26ª edição, página 308).

Esta pequena citação do pastor encontra-se, como ele citou, na Segunda Parte da obra **Obras Póstumas**, que se afigura uma mensagem recebida por um espírito que não se identifica, a saber a citação completa da mensagem, cujo tema é *Extratos, in extenso, do livro das Previsões concernentes ao espiritismo*, ao qual trazemos aos leitores o conteúdo completo para análise:

Ségur, 9 de agosto de 1863

(Médium Sr. d'A...)

Imitação do evangelho

Nota – Eu a ninguém dera ciência do assunto do livro em que estava trabalhando. Conservara-lhe de tal modo em segredo o título, que o editor, Sr. Didier, só o conheceu quando da impressão. Esse título foi, a princípio: *Imitação do evangelho*. Mais tarde, por efeito de reiteradas observações do mesmo Sr. Didier e de algumas outras pessoas, mudei-o para o de *O evangelho segundo o espiritismo*. Assim, as reflexões contidas nas comunicações seguintes não podem ser tidas como fruto de ideias preconcebidas do médium.

Pergunta – Que pensais da nova obra em que trabalho neste momento?

Resposta – Esse livro de doutrina terá considerável influência, pois que explanas questões capitais, e não só o mundo religioso encontrará nele as máximas que lhe são necessárias, como também a vida prática das nações haurirá dele instruções excelentes. Fizeste bem enfrentando as questões de alta moral prática, do ponto de vista dos interesses gerais, dos interesses sociais e dos interesses religiosos. A dúvida tem que ser destruída; a terra e suas populações civilizadas estão prontas; já de há muito os teus amigos de além-túmulo as arrotearam; lança, pois, a

semente que te confiamos, porque é tempo de que a Terra gravite na ordem irradiante das esferas e que saia, afinal, da penumbra e dos nevoeiros intelectuais. Acaba a tua obra e conta com a proteção do teu guia, guia de todos nós, e com o auxílio devotado dos Espíritos que te são mais fiéis e em cujo número digna-te de me incluir sempre.

P. – Que dirá o clero?

R. – O clero gritará — heresia —, porque verá que atacas decisivamente as penas eternas e outros pontos sobre os quais ele baseia a sua influência e o seu crédito. Gritará tanto mais, quanto se sentirá muito mais ferido do que com a publicação de *O livro dos espíritos*, cujos dados principais, a rigor, poderia aceitar. Agora, porém, tu entraste por um novo caminho, no qual não poderá ele acompanhar-te. O anátema secreto se tornará oficial e os espíritas serão repelidos, como o foram os judeus e os pagãos, pela Igreja Romana. Em compensação, os espíritas verão aumentar-se-lhes o número, em virtude dessa espécie de perseguição, sobretudo com o qualificarem, os padres, de demoníaca uma Doutrina cuja moralidade esplenderá como um raio de sol pela publicação mesma do teu novo livro e dos que se seguirão.

Aproxima-se a hora em que te será necessário apresentar o Espiritismo qual ele é, mostrando a todos onde se encontra a verdadeira doutrina ensinada pelo Cristo. **Aproxima-se a hora em que, à face do céu e da Terra, terás de proclamar que o Espiritismo é a única tradição verdadeiramente cristã e a única instituição verdadeiramente divina e humana.** Ao te escolherem, os Espíritos conheciam a solidez das tuas convicções e sabiam que a tua fé, qual muro de aço, resistiria a todos os ataques.

Entretanto, amigo, se a tua coragem ainda não desfaleceu sob a tarefa tão pesada que aceitaste, fica sabendo que foste feliz até o presente, mas que é chegada a hora das dificuldades. Sim, caro mestre, prepara-se a grande batalha; o fanatismo e a intolerância, exacerbados pelo bom êxito da tua propaganda, vão atacar-te e aos teus com armas envenenadas. Prepara-te para a luta. Tenho, porém, fé em ti, como tu tens fé em nós, e sei que a tua fé é das que transportam montanhas e fazem caminhar por sobre as águas. Coragem, pois, e que a tua obra se complete. Conta conosco e conta sobretudo com a grande alma do Mestre de todos nós, que te protege de modo muito particular.

Paris, 14 de setembro de 1863.

Nota – Eu solicitara para mim uma comunicação sobre um assunto qualquer e pedira que ela me fosse enviada para o meu retiro de Sainte-Adresse.

“Quero falar-te de Paris, embora isso não me pareça de manifesta utilidade, uma vez que as minhas vozes íntimas se fazem ouvir em torno de ti e que teu cérebro percebe as nossas inspirações, com uma facilidade de que nem tu mesmo suspeitas. Nossa ação, principalmente

a do *Espírito Verdade*, é constante ao teu derredor e tal que não a podes negar. Assim sendo, não entrarei em detalhes ociosos a respeito do plano de tua obra, plano que, segundo meus conselhos ocultos, modificaste tão ampla e completamente.

Compreendes agora por que precisávamos ter-te sob as mãos, livre de toda preocupação outra, que não a da Doutrina. Uma obra como a que elaboramos de comum acordo necessita de recolhimento e de insulamento sagrado. Tenho vivo interesse pelo teu trabalho, que é um passo considerável para a frente e abre, afinal, ao Espiritismo a estrada larga das aplicações proveitosas, a bem da sociedade. Com esta obra, o edifício começa a libertar-se dos andaimes e já se lhe pode ver a cúpula a desenhar-se no horizonte. Continua, pois, sem impaciência e sem fadiga; o monumento estará pronto na hora determinada.

Já tratamos contigo das questões incidentes do momento, isto é, das questões religiosas. O Espírito Verdade te falou das rebeliões que já se levantam na hora, presente. São necessárias essas hostilidades para manter desperta a atenção dos homens, que tão facilmente se deixam desviar de um assunto sério. Aos soldados que combatem pela causa, incessantemente se juntarão combatentes novos, cujas palavras e escritos hão de causar sensação e levarão a perturbação e a confusão às fileiras dos adversários.

Adeus, caro companheiro de antanho, discípulo fiel da verdade, que continua através da vida a obra a que outrora, diante do Espírito que te ama e a quem venero, juramos consagrar as nossas forças e as nossas existências, até que ela se achasse concluída. Saúdo-te.”

Observação – O plano da obra fora, de fato, completamente modificado, o que sem dúvida o médium não podia saber, pois que ele estava em Paris e eu em Sainte-Adresse. Tampouco podia saber que o Espírito Verdade me falara da atitude de revolta do bispo de Argélia e outros. Todas essas circunstâncias eram bem urdidadas para me comprovar que os Espíritos tomavam parte em meus trabalhos.²²

22 N.E. (à 15a ed): Ver o *Apêndice* no final da obra.

(KARDEC, A. 2019b, p. 260-262) (grifo nosso)

Foi importante citar a mensagem inteira para análise dos fatos, pois esta mensagem foi recebida um ano antes da publicação da obra ***O Evangelho Segundo o Espiritismo*** e o teor dela nos traz verdadeiramente ao qual Kardec estava em retiro preparando a mesma e houve a comunicação que trouxemos como prova da espiritualidade estar à frente dos trabalhos de Kardec e sempre o instruindo quanto à suas ações no âmbito da formação da codificação, ao qual extraímos o parágrafo abaixo que o pastor citou apenas uma parte destacada, vejamos:

Aproxima-se a hora em que te será necessário apresentar o Espiritismo qual ele é, mostrando a todos onde se encontra a verdadeira doutrina ensinada pelo Cristo. **Aproxima-se a hora em que, à face do céu e da Terra, terás de proclamar que o Espiritismo é a única tradição verdadeiramente cristã e a única instituição verdadeiramente divina** e humana. Ao te escolherem, os Espíritos conheciam a solidez das tuas convicções e sabiam que a tua fé, qual muro de aço, resistiria a todos os ataques. (KARDEC, A. 2019b, p. 261) (grifo nosso)

A parte anterior demonstra que a obra ***O Evangelho Segundo o Espiritismo*** deveria ser lançada brevemente e que continha a **verdadeira doutrina ensinada pelo Cristo**, onde a Doutrina Espírita é coroada como a única instituição cristã verdadeiramente divina e humana, ao qual tivemos que destacar as partes suprimidas pelo pastor, pois pelo fato de haver não citado por completo, passou a imagem que o Espiritismo é a única tradição verdadeiramente cristã por ser divina, o que não é a expressão da verdade. Devido ao trabalho de Kardec na codificação do Espiritismo, esta é a parte humana e a parte divina da doutrina é a efetivação das mensagens dos Espíritos da codificação, presididos pelo Espírito de Verdade que coordenou os trabalhos no plano espiritual, intuiu e protegeu Kardec em seus trabalhos árduos de reunir todas as mensagens e tecer suas reflexões na divulgação da Codificação como caráter missionário que teve no plano físico, ou seja, humano. Contudo, esperamos ter esclarecido e prossegue o pastor em suas críticas:

Necromancia (consulta aos mortos), mediunidade, reencarnação, etc., são crenças tão antiquíssimas que remontam a muitos milênios antes de Cristo. Contudo, na opinião dos kardecistas, Espiritismo mesmo é só o Kardecismo. Certa irmã em Cristo, ex- kardecista praticante, disse-me que há muitos anos “a Federação Espírita moveu uma ação judicial, no intuito de proibir que os terreiros de Umbanda e Candomblé continuem sendo identificados como centros espíritas, mas a justiça não lhe foi favorável”. De fato, o “jornal espírita”, órgão oficial da Federação Espírita do Estado de São Paulo, abril de 1.996, em um artigo intitulado “**O primeiro espírita**”, afirma textualmente: “... o primeiro espírita do mundo: Allan Kardec”.

Neste ponto, argumenta o pastor em detrimento aos fenômenos espíritas como antigos, mas como já bem identificamos, muito mal compreendidos, tal como citamos o fato da comunicabilidade entre os planos físicos e espiritual que não são o mesmo que necromancia, como já o corrigimos, a mediunidade e a reencarnação que no conceito pitagórico se aproximava muito da metempsicose nos tempos antigos e de Jesus. Vamos dar outro exemplo de como os apóstolos compreendiam de forma ainda

rudimentar a comunicação com os mortos, segundo nos escreve o escritor, teósofo e biblista *José Reis Chaves* em seu artigo [Jesus e a mediunidade de João no Apocalipse](#). Vejamos:

Um exemplo, entre outros, de que, na Bíblia, **os espíritos desencarnados são mesmo chamados de “anjos” está no livro de “Atos dos Apóstolos”**: 12-15. Pedro estava preso. Tendo sido libertado por um anjo ou espírito, ele foi para a casa de Maria, a mãe de João, chamado de Marcos. A casa estava cheia de pessoas orando. A criada Rosa foi ver quem era e, reconhecendo que se tratava de Pedro, voltou dizendo para os presentes na casa que era o Pedro. Mas, para eles, Pedro tinha sido degolado. **Então, eles disseram que deveria ser o ‘anjo’ de Pedro, demonstrando que os primeiros cristãos já conheciam e aceitavam o contato com os espíritos dos mortos, chamados de ‘anjos’**, como vimos também no caso de Jesus, no princípio do Apocalipse, e veremos também, no seu final, que Jesus é o Espírito ou o “anjo” que transmite para o grande médium João as profecias da história do cristianismo. E eis o final do Apocalipse confirmando de fato o que Jesus nos diz no início desse livro, além de nos mostrar também que Ele, Jesus, não é Deus, pois Ele recusou, energicamente, ser adorado por João. (CHAVES, 2021) (grifo nosso).

Como podemos observar a passagem de Atos dos Apóstolos e no livro do Apocalipse, os seguidores de Jesus acreditavam que os mortos que se manifestavam eram anjos e que como estamos mais uma vez esclarecendo o pastor e seus leitores, era preciso que a Doutrina Espírita surgisse na segunda metade do século XIX para nortear a humanidade nestes fenômenos, dando seu real significado através da observação dos fatos por Kardec, na codificação onde encontramos tais desenvolvimentos e pelo que temos observado o pastor não o estudou de forma proveitosa. Com isso, vamos adiante nas argumentações do pastor:

Como se vê, ser kardecista implica em ser adepto de uma seita ambígua, exclusivista, hipócrita e incoerente. Até as seitas que, com o Kardecismo, formam farinha do mesmo saco, são rejeitadas.

A “única tradição verdadeiramente cristã e a única instituição verdadeiramente divina”, é o Espiritismo, mas não um Espiritismo qualquer, e sim, um Espiritismo polido, brunido, refinado..., a saber: o Kardecismo e somente o Kardecismo. Umbanda, Candomblé, Vodú, Santo Daime, etc., estão fora.

Como já bem esclarecemos o pastor, Espiritismo é a Doutrina que segue os postulados de Allan Kardec, contidos na Codificação e Revistas Espíritas. As demais crenças espiritualistas nós as respeitamos, mas não se tratam de Espiritismo e sim de

instituições espiritualistas, tais como a Umbanda, Candomblé, etc. Também já esclarecemos este ponto ao pastor e seus leitores. Sobre a expressão verdadeiramente cristã com origem divina e humana, concernente a Doutrina Espírita, também já o desenvolvemos na citação mutilada do pastor em suas argumentações anteriores, ao qual explicamos o aspecto divino e humano da revelação espírita, ao que parece o pastor não foi honesto em sua citação e as demais que já desenvolvemos. Contudo, prosseguimos nas argumentações do pastor. Vejamos:

Respeitável leitor, não se deixe levar por esse negócio de “terceira revelação”. Realmente Deus foi se revelando progressivamente nas páginas da Bíblia, mas **o Novo Testamento, que é o ápice de Suas revelações até o momento, veio para ficar**. Portanto, pelo menos até que Cristo venha, a presente Dispensação estará em vigor. Logo, nenhuma “novidade”, sob pretexto de uma tal de “terceira revelação”, ou qualquer outra alegação, deve ser aceita. Isso é balela. A Bíblia nos fala da “fé que **uma vez por todas** foi entregue aos santos” (Jd.3 [ARA]. Grifo meu). Neste caso, “fé” refere-se às doutrinas do Cristianismo em sua totalidade. E o apóstolo Paulo, contrastando o Antigo Testamento com o Novo, nos diz que aquele era transitório, enquanto este permanece (2 Co.3:3-11 [ARC].); que “**ninguém** pode lançar outro fundamento, além do que já está posto, o qual é Jesus Cristo” (1Co.3:11. Grifo meu); e que se ele ou os demais apóstolos, ou até mesmo se um anjo desça do Céu, pregando outro evangelho, deve ser anatematizado (Gl.1:8-9), isto é, amaldiçoado e excomungado da comunhão dos santos. É como nos disse o Senhor Jesus Cristo: “Mas o que tendes, retende-o até que eu venha” (Ap. 2:25); “Bem-aventurado aquele servo que o seu senhor, quando vier, achar servindo assim”, (Mt.24:46). Isto mesmo, “servindo assim”, a saber, tal qual prescrito por Cristo há dois mil anos, e não à moda Kardequiana.

Agora o pastor fez a sua pregação dentro de sua sapiência de profissão de fé, mas lembramos que estamos analisando a terceira revelação, com a vinda do Espírito de Verdade, contida no capítulo 14 e 16 do Evangelho de João, a dissipar as trevas da ignorância e derrubar os conceitos equivocados que o Cristianismo tomou com o passar dos séculos, como a deidade de Jesus, a Trindade, o suplício eterno e a vida única. Estes são os dogmas que foram questionados na segunda metade do século XIX e que trouxe tanta incredulidade. Vamos nos reportar a passagem abaixo e atestar que Jesus não disse tudo, devido aos seus apóstolos ainda não estarem preparados para suportar tamanho conhecimento que a Doutrina Espírita abarca na Codificação. Vejamos:

Jo 16, 12-14: **Ainda tenho muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora**. Mas, quando vier aquele Espírito de verdade, ele vos guiará em toda a verdade; porque não falará de si mesmo, mas dirá tudo

o que tiver ouvido, e vos anunciará o que há de vir. Ele me glorificará, porque há de receber do que é meu, e vo-lo há de anunciar.

Portanto, caro leitor, não foi Kardec que disse que os apóstolos e os demais hebreus do tempo intertestamentário não estavam preparados para o conhecimento que a Doutrina Espírita nos trouxe na segunda metade do século XIX, mas sim Jesus na passagem destacada do Evangelho de João, pois era preciso que o próprio mestre partisse, a fim de que ele enviasse outro consolador. Com isso, cai por terra essa argumentação do pastor em desabonar aquilo que ele mesmo desconhece. Vamos, portanto, prosseguir na argumentação do pastor:

Certamente já está claro ao prezado leitor, que, a bem-dizer podemos afirmar que, segundo o Kardecismo (falo com minhas palavras), “assim como o Antigo Testamento findou há quase dois mil anos quando do advento de Cristo, o Novo Testamento, por sua vez, tem seu fim no Espiritismo Kardecista. A Era que Moisés inaugurara teria esbarrado na Era que Jesus inaugurou há quase dois milênios. Esta, por sua vez, morreu quando Kardec e seus espíritos-guia legaram ao mundo o Novo Código! A Terceira Revelação! Uma Nova Era!. A Era dos Espíritos! A Codificação Espírita! O Novíssimo Testamento dado pelos Espíritos Superiores pela instrumentalidade do Grande Mestre cujo pseudônimo é Allan Kardec! E, quem quiser beber desta Nova Fonte, é só ler, estudar e praticar O Evangelho Segundo o Espiritismo e as demais obras procedentes da pena do Grande Codificador, as quais, juntas, constituem o Outro Consolador prometido por Jesus, o qual, na plenitude dos tempos, isto é, em 1.857, veio nos consolar, falando-nos o que o Cristo não pudera falar devido ao atraso inerente aos espíritos dos seus contemporâneos, bem como aclarando os pontos velados (isto é, obscuros) de Sua Doutrina!”. É muita petulância, não?

É bem por aí mesmo caro pastor e parece que agora você começa a compreender o real significado da obra de Kardec, e como já disse acima, se o cristão, independentemente de sua denominação, pratica o conteúdo na obra **O Evangelho Segundo o Espiritismo**, certamente ele abarcará cerca de 78% de seu conteúdo moral desta obra que tem por objetivo a regeneração da humanidade, correlacionado no sermão do monte de Jesus. O que é preciso corrigir em seu raciocínio é que a codificação espírita não se trata de um *Novíssimo Testamento*, mas de uma resignificação dos Evangelhos, dando uma explanação dos espíritos quanto ao conteúdo moral desta obra, intercalados com reflexões do codificador sem dogmatismo. Não se trata de petulância não, mas de cadenciamento de ideias que o próprio criador norteia a humanidade de época em épocas e chama à atenção quanto à sua necessária reforma íntima. Assim o pastor conclui este tópico:

A crença nessa tal de terceira revelação faz com que os kardecistas nos olhem de cima para baixo. Já me disseram que nós somos “espíritos atrasados que ainda não se desenvolveram o suficiente para compreender esta grandeza.” Creem que nós, os evangélicos, já estamos quase chegando lá. Certo kardecista me disse que a evolução do Espírito se dá mais ou menos assim: Primeiro o indivíduo se torna adepto de uma das religiões não cristãs (Budismo, Islamismo, Hinduísmo, etc.), depois se torna católico, posteriormente vira evangélico e, a seguir se converte ao Espiritismo. O tempo que um espírito precisa, desde que é criado até se tornar Kardecista, varia de espírito para espírito, pois depende do esforço de cada um, e pode compreender muitos séculos e até milênios. Ora, por serem os kardecistas nessa suposta evolução espiritual, e julgando estarem num patamar onde só eles alcançaram, não cessam de orar por nós, pois creem que fazê-lo contribui para acelerar o processo evolutivo no qual estamos. Pude perceber que alguns kardecistas sentem até pena de nós. Vê-se, portanto, que os kardecistas são infelizes e não sabem. E só Deus pode arrancá-los desse labirinto no qual se encontram. Preguemos-lhes, portanto, o Evangelho e oremos com fé e amor. Sem dúvida, o nosso Deus arrancará a muitos desse “Egito” e assim os libertará de “faraó”. Isto ocorrerá quando aspergirem as vergas e as ombreiras das *portas de seus corações com o sangue do nosso Cordeiro Pascual _ Jesus (Êx. 12:7)*.

Precisamos corrigir o pastor em sua conclusão, pois nós espíritas não temos o ar de superioridade quanto às demais crenças religiosas, pois seguimos o mandamento de que *“Aquele que se eleva, será rebaixado”*, constante no item 3 a 6 do capítulo VII da obra ***O Evangelho Segundo o Espiritismo*** ao qual diz que leu e que parece não ter aprendido, pois o verdadeiro espírita se esforça para dominar suas más inclinações, revisa seus atos no dia em que viveu e se pergunta se não ofendeu alguém, se não faltou com a caridade com seu próximo e é indulgente para com as faltas alheias. Se algum espírita agiu com vaidade para com você, este não é o verdadeiro espírita, já que após compreender a mensagem da Codificação e das Revistas Espíritas, continua praticando suas faltas sem se esforçar em mudar de conduta. Outro ponto que precisamos abordar é que se você está satisfeito à sua crença e ela é capaz de lhe fazer refletir em sua transformação para um homem de bem, o Espiritismo não é para você, pois como apregoou o codificador, a Doutrina Espírita é para aqueles que em nada creem e duvidam, mas reconhece sua crença como verdadeira e justa, não lhe imputando uma necessidade de compor as fileiras espíritas para ser *“liberto”*. Encerramos a análise deste tópico, passemos ao tópico seguinte.

2.4. Contradição Entre os Dois Testamentos?!

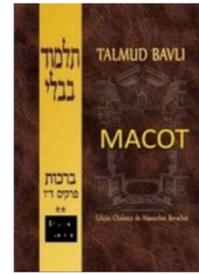
Entraremos agora num terreno que não é bem confortável ao pastor que

demonstrará apenas umas das várias contradições que a Bíblia apresenta, mas justifica tal contradição como se houvesse uma harmonização de um pensamento que permeiam as Escrituras ao longo de sua história de formação. Vamos analisar a primeira parte das justificativas do pastor. Vejamos:

Muitos kardecistas já me perguntaram: “Se o Antigo Testamento não estava errado, por que tantas diferenças entre ele e o Novo? Por exemplo, por que não matamos ainda os adúlteros, os blasfemos, os assassinos, os idólatras etc.?” Resposta: Para cada diferença há pelo menos uma explicação teológica; e quem não aceita tal explicação precisa tirar a máscara de cristão, parar de chamar o Antigo Testamento de “primeira revelação de Deus”, e assumir o seu cepticismo. Mas, respondendo à pergunta sobre o porquê de não podermos mais executar os criminosos e outros pecadores, informo que a Igreja não é um Estado (como, por exemplo, Israel o era), e sim, um conjunto de indivíduos. Sim, entre outros, o motivo pelo qual a Igreja não pune os criminosos, é o mesmo pelo qual ninguém podia matar Caim (Gn. 4:15), a saber, só o Estado pode cuidar de punir os malfeitores. Como a partir de Noé, estabeleceu-se o Governo Humano, então a pena de morte entrou em vigor (Gn. 9:6). A incumbência de punir os criminosos foi, é e será da competência do Estado (Rm.13:1-7). À Igreja compete: dar a outra face ao agressor (Mt.5:39), não atirar a primeira (nem a última) pedra (Jo.8:7), louvar (Ef.1:12), adorar (Jo.4:23), orar (1Tm.2:1), pregar (1Pe.2:9), etc. Mas isso não é um libelo contra a justiça, que é, repito, da competência exclusiva da autoridade para isto constituída (Jo.19:11; Lc.23:41^a).

Parece-nos que o pastor desconhece o Judaísmo, pois se desse ao trabalho de, pelo menos, ler e estudar o **Talmud Bavli tratado de Macot** saberia que o tribunal judaico era instalado entre os levitas e sacerdotes do Judaísmo e que não era o Estado de Israel que aplicava as punições aos infratores da Lei de Moisés. A lei era civil e disciplinar aplicada aos judeus, não cabendo ao rei de Israel a observância de tal lei e a aplicação das determinações punitivas que era acompanhada com zelo pelo tribunal judaico que fazia parte de uma das atribuições do Judaísmo, pelos anciãos. Outrossim, se o sinal e Caim (Gn 4,15), após matar Abel, absolveu ele de ser morto, certamente não havia a seu tempo a Lei de Moisés para que se aplicasse uma punição a este infrator do Decálogo. Desconheço como início da pena de morte entrar em vigor a partir de Gn 9,6, já que este contexto se refere a lei de causa e efeito de que cada infrator receberia a lei de retorno de seus atos relacionados aos crimes praticados. O capítulo 9 de Gênesis trata exclusivamente da aliança do Eterno para com a geração de Noé e em nenhum momento trata de leis punitivas e nem mesmo da pena de morte estabelecida entre os hebreus, vindo estas determinações disciplinares bem após os eventos narrados após o dilúvio, registradas nos livros posteriores ao Gênesis.

Sobre o **Talmud Bavli – Macot**, que é o tratado sobre o tribunal judaico, constatei que se tratava das punições físicas passíveis de aplicação pelo tribunal rabínico. Sua leitura é de suma importância e nos remete a realidade do povo hebreu e suas leis ao longo da história do Judaísmo!



Iniciado este tratado da página 2A até 5A, onde saliento as punições previstas na Torá e na tradição oral da Mishná e Guemará o seu desmembramento! Inicialmente a tradução para Macot é açoite em português, ao qual as três punições ao violar a Torá se desdobram em pena de morte, exílio e chibatadas ou açoites que são desenvolvidos neste tratado. Há uma citação do revisor Shamaí Ende como Rabi Akiva o maior sábio talmúdico. Existem punições que é demonstrado a leniência ao infrator, dando a ele a oportunidade de penas severas na presença de duas testemunhas com alerta para a violação da Lei. Caso haja uma violação por meio voluntário, aplicam-se as punições, já que o objetivo da Lei da Torá não é a punição, mas conter os corações mais endurecidos e quando houver a violação das Mitsvót, entra o processo regulador das punições com caráter de expurgo do pecado. Há ainda a menção do ano sabático que se dá de 7 em 7 anos, onde discorrem os sábios na discussão se existirá ou não o perdão das dívidas que superem este período.

Prosseguindo da página 5B a 11A sempre salientando pontos mais importantes, tal como os tzedokim (saduceus) eram considerados hereges, que na discussão de uma Mishná que tratava de uma punição sobre falso testemunho, alegavam que os zomemim não eram punidos, exceto se o acusado for executado pelo seu testemunho (zomemim). Em nota, os comentaristas judeus nos informam que os tzedokim (saduceus) eram uma seita herética que não aceitavam a inspiração divina da Torá oral (Talmud) e não acreditavam nas interpretações dos sábios que passavam de geração em geração de sua época, tendo como preceito a literalidade da Torá, não somente salientado como muitos entendem que não acreditavam na ressurreição dos mortos e em dois mundos, este real e o outro mundo, o Mundo Vindouro, causando assim diversas divergências com os sábios talmúdicos. Ademais, os saduceus eram originários de Tsadok, um discípulo de Antigonos de Socho. Por isso eram identificados como tzedokim (saduceus). A Guemará é inconclusiva, mas salienta um fato de perdão diante do tribunal celestial entre as almas de Rabi Yehuda Bem Tabai e sua testemunha. Em casos capitais há a inferência que será uma corte de 23 sábios a julgarem os casos de infrações mais graves da Torá, ao qual chamam estes 23 sábios de San'hedrin. A Guemará questiona e informa que uma das formas de purificação é através de um ritual chamado de micvê (imersão) e um sacrifício expiador no Templo.

Prosseguindo da página 11B a 17A, salientando os pontos principais, observo uma discussão na Guemará sobre a punição com caret para receberem chibatadas, uma das treze regras de hermenêutica de Rabi Yishmael, aplicada às leis da Torá, a guezerá shavá ensina que duas palavras semelhantes, escritas na Torá em dois locais diferentes, conectam os dois versículos possibilitando transportar o contexto de um para outro. Para que isso aconteça, é preciso que o sábio judeu tenha recebido este ensinamento de seu mestre. Aparece novamente comentários de Rabi Shimon bar Yochai neste tratado. Sobre a punição de malcut sobre a ingestão das primícias, algo chama à atenção, o fato das primícias serem as primeiras frutas a serem colhidas e ainda se tratam e 7 frutas a saber: trigo, cevada, uva, figo, romã, azeitona e tâmara. Desta forma, não se trata de recurso financeiros como muitos acreditam!

Finalizando o tratado de Macot, da página 17B a 24B salientando sempre os pontos mais relevantes, em nota da halachá, observamos que no primeiro, segundo, quarto e quinto ano do ciclo de shemitá (ano sabático), após separar o primeiro dízimo que se dá ao Levi, separa-se o segundo dízimo que será ingerido em Yerushalaim – o maaser sheni. Já no terceiro e sexto ano, no lugar de maaser sheni, separa o maaser ani – o dízimo que vai para o pobre – que pode ser ingerido em qualquer lugar e não tem nenhuma santidade (p. 225). Há ainda muitas outras determinações do tribunal rabínico que é recomendável a leitura para entendimento da tradição judaica.

Ainda sobre este tópico o pastor cita Rm 13,1-7 como se Paulo esclarecesse o cumprimento da Lei de Moisés pelo Estado Judaico que não existia, pois estava sobre domínio Romano e por este motivo havia dissolvido o Estado de Israel. Esta citação está na contramão dos fatos e por este motivo é que detenhamos a consciência de que o tribunal judaico era composto pelos sábios judeus do Sinédrio, tanto que na condenação de Jesus (Mc 14,53-65, Mt 26,57-68, Lc 22,63-71 e Jo 18,12-24), estabeleceu-se o julgamento diante de Caifás que não era rei de Jerusalém, mas Sumo Sacerdote que o condenou por crime de blasfêmia e Cristo este ainda à frente de Pilatos que era Governador da Judeia que foi oferecido a multidão a decisão de escolherem entre Jesus e Barrabás, ao qual o povo escolheu a Barrabás. Portanto, se o Pastor cita Paulo com o objetivo de dizer que o tribunal judaico era composto pelo estado de Israel, esta não existia na época de domínio Romano sobre Israel.

Para concluirmos esta primeira parte, sobre o pastor citar a função da Igreja que não existia à época de Jesus, portanto, não se aplica nenhuma das citações da função de uma organização que se deu após a morte de Jesus em pequenas comunidades fundadas pelos Apóstolos em Jerusalém e na Ásia. O pastor diz que “*À Igreja compete: dar a outra face ao agressor (Mt.5:39), não atirar a primeira (nem a última) pedra*

(Jo.8:7), louvar (Ef.1:12), adorar (Jo.4:23), orar (1Tm.2:1), pregar (1Pe.2:9), etc. Mas isso não é um libelo contra a justiça, que é, repito, da competência exclusiva da autoridade para isto constituída (Jo.19:11; Lc.23:41^a)” Lembramos ao pastor que as Igrejas fundadas pelos Apóstolos estavam sobre domínio do império Romano e não detinham o cumprimento da Lei de Moisés, pois estava regida pela tradição oral dos primeiros Cristãos e nem mesmo havia um estado único para julgar os infratores da Lei de Moisés, pelo simples fato de que esta função cabia ao Sinédrio que tinha sua sede em Jerusalém e as Igrejas estavam disseminadas em outras nações regidas pelo Império Romano, sem que existisse um estado de Israel independente para regular as infrações da Lei de Moisés, uma vez que nem mesmo Jesus havia sido aceito pela boa parte de judeus e esta função era absorvida pelo Sinédrio que era a sede do Judaísmo, assim como demonstramos o tratado de *Macot* do *Talmud Bavli*. Passemos ao ponto seguinte desenvolvido pelo pastor:

Certo kardecista argumentou dizendo que “sendo Deus o único que pode dar a vida, naturalmente só Ele pode tirá-la. Logo, não podemos crer que Moisés, Josué, Samuel e outros tenham recebido de Deus a ordem para ceifar tantas vidas. Mas, como eles mataram muitas pessoas sob a alegação de que o faziam por ordem de Deus, salta à vista que seus escritos não podem ser a Palavra de Deus”.

Refuto esse argumento dizendo que Deus, o único que pode tirar a vida, não está impossibilitado de incumbir um agente Seu, de fazê-lo. Ele pode matar; e não raramente, Ele mesmo o faz; mas às vezes Ele delega este poder a um anjo; às vezes o confere a um homem ou grupo de homens; e, inclusive, como vimos acima, Rm 13: 1-7 nos diz que o Estado está autorizado por Deus a punir os malfeitores com a punição que se fizer necessária. Logo, quando um policial, em nome da Lei, sai na captura de um criminoso, deve trazê-lo vivo ou morto. Por conseguinte, se o dito marginal reagir à voz de prisão, o referido policial poderá até matá-lo, se isso se fizer necessário. Neste caso, o policial autor da execução, não pode ser visto como assassino, e sim, como mantenedor da ordem pública. Rm 13:5 nos diz que a autoridade não traz a espada debalde, isto é, em vão. Ela, a espada, não era enfeite. E, como não ignoramos, a espada (hoje metralhadora, fuzil, pistola, bazuca, etc.) não era instrumento de correção, como o cassete o é. Não!!! A espada existia para matar. Assim fica claro que Deus, o único que dá a vida e, por conseguinte, o único que pode tirá-la, se vê no direito de fazê-lo através de um agente Seu, que pode ser ou um anjo, ou um homem, ou o Estado. Atualmente, Seus agentes investidos deste poder são os anjos (At.12:23) e o Estado (Rm 13:1-7). Este, por sua vez, usa os policiais como executores deste serviço. Aqueles, porém, o fazem por si mesmos, em nome do Senhor.

Neste segundo desenvolvimento, o pastor insiste em dizer que em Rm 13,1-7 Paulo está se referindo às potestades superiores do primeiro verso como o estado de Israel, o que já bem o esclarecemos a ele que o estado de Israel estava dissolvido e que a lei que regia era a do império Romano. Portanto, o império Romano não detinha a Lei de Moisés como regra de conduta e diante disso, cai por terra esta citação. Como bem o esclarecemos, o Sinédrio fazia-se cumprir a Lei de Moisés.

As derrogações que Paulo se referia eram justamente a do Decálogo como podemos ver nos versos mais adiante deste mesmo capítulo 13 de Romanos e não das determinações disciplinares da Lei de Moisés, ou seja das 613 mitzvot que era os mandamentos observados e seguidos pelos Judeus, vejamos:

Rm 13,9: Com efeito: Não adulterarás, não matarás, não furtarás, não darás falso testemunho, não cobiçarás; e se há algum outro mandamento, tudo nesta palavra se resume: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo.

Após a citação do contexto e de colocarmos sobre o prisma de quem cumpria a Lei de Moisés em cumprimento dos 613 mitzvot, percebemos que este argumento de que Deus outorga aos seus representantes na Terra que executem os infratores da Lei de Moisés, não teria lógica, uma vez que são lei disciplinares e humanas, não cabendo a Deus a execução da pena, uma vez que Ele determinou um mandamento de “Não matarás”, daí, portanto, não pode ele infringir uma lei que ele mesmo deu. Com isso, encontra-se sem fundamento algum a citação de Rm 13,1-7 para a observância da lei pelo estado de Israel que não existia.

Agora, para justificar que o anjo do Senhor tem autoridade de Deus para executar os pecadores (At 12,23), devemos examinar o contexto deste capítulo de Atos dos Apóstolos. Nos três primeiros capítulos desta passagem (At 12,1-3), observamos que foi narrada a morte pela espada de Tiago, irmão de João, determinada por Herodes, ao qual **agradou aos judeus**. Se a morte de Tiago agradou aos judeus, julgamos oportuno frisar e perguntar, Tiago descumpriu a Lei de Moisés e o estado de Roma executou a pena do Sinédrio, já que agradou aos judeus? Claro que não! Os judeus se agradaram pelo fato de Tiago ser um discípulo de Jesus. Ao nosso ver, Pedro era uma das figuras mais importantes da Casa do Caminho de Jerusalém e junto com Tiago, apóstolo, lideravam o acolhimento de pessoas que estavam à margem da sociedade e necessitadas de apoio. Com isso, não houve nenhum descumprimento da Lei de Moisés da parte de Tiago, irmão de João, que fizera os judeus se agradarem da morte dele. Outrossim, Roma encerrou Pedro na prisão (At 12,4).

Contudo, houve a manifestação de um espírito, ao qual o Evangelho denomina como anjo e libertou Pedro (At 12,7). Como já bem o comentamos anteriormente, Pedro foi à casa de Maria, mãe de João Marcos, ao qual ao chamar à porta, a menina Rode anunciou à família que Pedro estava à porta, mas todos acreditaram que era o seu “anjo” (At 5,17). Uma possível manifestação de um espírito era comum aos tempos de Jesus. Com isso, a parte que nos interessa é que Herodes, ao estar à frente da população, por um dado momento, é “ferido” por um anjo do Senhor que o executou, segundo a narrativa, Herodes espirou (At 12,21-25). Certamente que Herodes faleceu por causas naturais e não um “anjo” que o matou a mando de Deus. Temos esta narrativa como uma hipérbole da narrativa, dentro da hermenêutica bíblica, pois como poderia Deus vingar a morte de Tiago, infringindo sua própria lei do Decálogo? Improvável! Fica assim, mais uma regra da hermenêutica para estudo dos leitores e do estimado pastor que viu aplicar-se “a ira do Senhor” no Novo Testamento. Passemos, portanto, ao ponto seguinte:

Uma prova de que o Antigo Testamento não estava errado, é o fato de Jesus o haver aprovado, como vimos acima. Os kardecistas diriam: “Aprovou mesmo? Tem certeza?, você viu? Quem garante?”

A resposta é: A Bíblia no-lo garante; e, em particular, o Novo Testamento. E se não creem no Novo Testamento, então parem de dizer que a promessa de Jesus, constante de Jo. 16:12-13, de nos enviar outro Consolador, se cumpre a partir de 1857, quando da Codificação Kardequiana; visto que, se realmente a Bíblia não fosse confiável, já não saberíamos nem se Cristo teria mesmo feito a promessa constante de Jo.16:12-13. Além disso, um céptico poderia também questionar os Kardecistas quanto à crença deles de que o Kardecismo é o Consolador prometido por Jesus, nestes termos: “Prometeu mesmo? Têm certeza? Vocês viram? Quem garante?”. E agora José? E agora senhor Allan? Sendo a primeira e a segunda revelações, dois embustes, como o supõem os kardecistas, pergunto: A terceira revelação seria o terceiro embuste? Pensem nisso os sinceros!

Nesta terceira parte o pastor, após nossas análises, tentou abonar a pena de morte no Tanah e no Novo Testamento, acerca das infrações das 613 mitzvot, como sendo determinações divinas no cumprimento desta pena de morte por parte do Criador, ao qual nem mesmo as citações bíblicas que o pastor fez o embasam para tal assertiva, nem mesmo o fator histórico contribuiu para que houvesse justificativa que a Lei de Moisés fosse aplicada pelo estado de Israel que estava sob domínio Romano, ao qual não seguiam a Lei de Moisés. Não tratamos o Tanah e nem mesmo o Novo Testamento como *embustes*, mas damos a estas referências seus devidos contextos históricos e

aplicamos a hermenêutica bíblica para uma melhor compreensão dos fatos, que ao que parece, o pastor não foi feliz em suas citações e exemplificações. Passemos agora ao encerramento deste tópico, onde assim diz o pastor:

Bem, se a Bíblia é ou não verdadeira, eu disse no capítulo 1 deste livro, assim como nas primeiras linhas deste capítulo, que entrar no mérito destas questões não é, nesta obra, o alvo deste autor, pois por ora pretendo apenas desmascarar o Kardecismo para, deste modo, levar suas vítimas a buscar a verdade em Deus e no Seu Livro _ a Bíblia. Por isto limito-me a formular aos kardecistas as seguintes contundentes interrogações: Os kardecistas podem provar as alegadas adulterações que teriam sido cometidas pelos apóstolos e outros aventureiros através dos séculos? Onde, como e quando ocorreram tais interpolações? Será que tudo não passa de grosseira especulação? Porventura os achados arqueológicos não deixam evidentes que as inegáveis provas dos erros cometidos pelos copistas são falhas banais que, portanto, não ferem a integridade do Texto? Será que os kardecistas não sabem que crer na Bíblia não implica em crer na infalibilidade dos copistas e tradutores das Escrituras, mas sim, e tão-somente, crer na Inspiração Verbal e Plena dos **originais**?

(Quero mais uma vez recomendar a todos os que suspeitam da autenticidade da Bíblia a lerem o livro intitulado **As Grandes Defesas do Cristianismo**, de Jefferson Magno da Costa, editado pela CPAD – Casa Publicadora das Assembleias de Deus –, geralmente à venda nas livrarias evangélicas).

Por fim, o pastor nos questiona que se podemos provar as adulterações da Bíblia cometida pelos Apóstolos e copistas, bem como interpolações, que na visão do pastor não passam de especulações. Segundo o pastor ainda, esses erros são atos falhos dos copistas e são irrelevantes, não ferindo ao texto. Ele advoga ainda que a inspiração da Bíblia e em seus originais. São muitos temas a tratar e lembramos ao pastor que não temos originais da Bíblia, mas cópia de cópias. Para as outras questões, vamos recorrer à pesquisa do **Paulo Neto** sobre a inspiração da Bíblia, contida no seu artigo: ***Inspiração dos Textos Sagrados***, publicado em dezembro de 2015. Colocaremos apenas as três primeiras contradições e quem se interessar em aprofundar, deixaremos o link de acesso ao texto ([AQUI](#)). Vejamos a pesquisa:

Exemplo de textos em conflito

1 – Quem apareceu junto à sarça: o próprio Deus ou foi apenas um anjo?

Ex 3,2: “O anjo de Javé apareceu a Moisés numa chama de fogo do meio de uma sarça. Moisés prestou atenção: a sarça ardia no fogo, mas

não se consumia”.

At 7,35: “... Moisés que os israelitas haviam renegado,... Deus o enviou como chefe e libertador, **por meio do anjo que tinha aparecido** a ele na sarça”.

Quando se usa da expressão “Anjo de Javé”, o objetivo é designar o próprio Deus, assim em Êxodo afirma-se que Deus apareceu a Moisés, enquanto que em Atos é dito que quem apareceu foi um simples anjo.

2 – Será que Deus não revelara o seu nome, conforme afirmara a Moisés?

Ex 6,2-3: “Deus falou a Moisés: 'Eu sou Javé. Apareci a Abraão, a Isaac e a Jacó..., **mas a eles não dei a conhecer o meu nome: Javé**”.

Gn 15,7: “Javé disse a **Abraão: 'Eu sou Javé, ...**”.

Gn 26,25: “**Isaac** levantou aí um altar, **invocou o nome de Javé, ...**”.

Gn 28,13: “Javé ... disse a **Jacó: 'Eu sou Javé, o Deus de seu pai Abraão e o Deus de Isaac...**”.

Segundo os relatos, Deus já havia revelado o Seu nome a Abraão, Isaac e Jacó; entretanto, depois disso é negado; ou será que foi apenas um “esquecimento”?

3 – Os hebreus foram expulsos, tiveram permissão para sair ou fugiram do Egito?

Ex 12,39: “... é que, **expulsos do Egito**, não puderam parar, nem preparar provisões para o caminho”.

Ex 13,17: “Quando **o Faraó deixou o povo partir,...**”.

Ex 14,5: “Quando comunicaram ao rei do Egito que **o povo tinha fugido,...**”.

São três alternativas para se explicar o motivo pelo qual os hebreus saíram do Egito, mas qual delas será a verdadeira? (SOBRINHO, P S. N. 2015)

Com isso, encerramos a análise deste capítulo e esperamos ter esclarecido ao pastor e aos prezados leitores. Vamos agora às considerações finais do pastor:

(Agora, partamos ao capítulo 3 e analisemos outras incoerências tão gritantes quanto as que acabamos de ver no presente capítulo)

Bom, vamos ao terceiro capítulo e agora espero que o pastor tenha entendido a ineficácia de suas argumentações neste presente capítulo, ao qual encerramos, onde as *incoerências tão gritantes* recaem em suas citações desconexas e equivocadas.

CONCLUSÃO

Procuramos trazer aos leitores uma parte da nossa resposta à obra “*O Espiritismo Kardecista e suas Incoerências*” do Pr Joel Santana, sendo que nossa obra é: ***O Espiritismo e as incoerências de um pastor***, ao qual o CACP se utilizou para publicar em seu site, tendo em vista a sua sistemática em combater a Doutrina Espírita. Aos interessados em conhecer nossa refutação completa, é só clicar ([AQUI](#)) e baixar em nosso site, na ala E-Book's, o conteúdo para apreciação e tirar suas próprias conclusões.



Thiago Toscano Ferrari

Novembro/2021

Referências Bibliográficas:

- Bíblia de Jerusalém**, nova edição. São Paulo: Paulus, 2002.
- KARDEC, A. **A Gênese**. Brasília-DF: FEB, 2013.
- KARDEC, A. **O Céu e o Inferno**. Brasília-DF: FEB, 2019c.
- KARDEC, A. **Obras Póstumas**. Brasília-DF: FEB, 2019b.
- KARDEC, A. **O Livro dos Médiuns**. Brasília-DF: FEB, 2019f.
- KARDEC, A. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. Brasília-DF: FEB, 2019d.
- VÁRIOS AUTORES. **TALMUD BAVLI – MACOT**, São Paulo: Editora Lubavitch Yeshivá Tomchei Tmimim Lubavitch, 2013.
- CHAVES. J. R. **Jesus e a mediunidade de João no Apocalipse**. Belo Horizonte-MG. 2021, <https://apologiaespirita.com.br/jesus-e-a-mediunidade-de-joao-no-apocalipse/>
- FERRARI. T. T. **A Comunicação com os Mortos na Bíblia**. Vitória-ES. 2014, <https://apologiaespirita.com.br/a-comunicacao-com-os-mortos-na-biblia/>
- FERRARI. T. T. **Onde se encontram as falácias nas propagandas anti-espíritas**. Vitória-ES. 2013, <https://apologiaespirita.com.br/onde-se-encontram-as-falacias-nas-propagandas-antiespiritas/>
- SOBRINHO, P. S. N. **Inspiração dos textos sagrados**. Belo Horizonte-MG. 2005, <https://apologiaespirita.com.br/wp-content/uploads/Inspiracao-dos-textos-sagrados.pdf>

